

Capítulo 3

**A escala individual do social:
disposições em contexto de
educação em ciências**

Por meio das trajetórias biográficas de egressos do modelo Programa de Vocação Científica da Fundação Oswaldo Cruz (Provoc-Fiocruz/RJ), este capítulo está focado nas disposições sociais de jovens em contextos de iniciação científica (IC), com o propósito de compreender o papel da IC para que os jovens possam realizar travessias em relação ao que lhes foi socialmente determinado por nascimento.

Defende-se a possibilidade de mudança, de ajuste e de adaptação nas disposições sociais advindas da participação de jovens dos segmentos sociais desfavorecidos em ambientes de pesquisa por meio dos programas de iniciação científica no ensino médio (IC/EM), construídos como espaços de socialização, que mobilizam a construção de novas disposições para a compatibilização das práticas sociais, atuando sobre a autoestima e sobre a imagem que os sujeitos fazem de si, produzindo efeitos sobre suas aspirações e seus projetos de futuro. Assim, neste capítulo são destacadas algumas características disposicionais relacionadas à IC e à inclusão social na trajetória biográfica dos jovens de segmentos sociais desfavorecidos, egressos de programas de IC/EM.

O modelo convivial de iniciação científica do Provoc assume contornos mais específicos na alocação dos jovens nos laboratórios e nos departamentos, contextos de ação que podem demandar decisões

e escolhas individuais dos jovens, conferindo maior dissonância e adaptabilidade das disposições.

De acordo com Neves (2001), a pedagogia do laboratório consiste no estabelecimento de processos educativos formais e informais favoráveis à internalização de habilidades, atitudes e valores próprios do campo científico, característicos do contexto em que estão localizados. A participação em programa de IC/EM instituiria, então, dois momentos distintos na vida do jovem, culminando em sua forte incorporação à ciência.¹⁸

O presente trabalho problematiza essa afirmação. Ferreira (2003) indicou a diversidade de concepções de ensino que informam as práticas de orientadores e instituições. Dessa forma, mais uma questão se impõe: *as trajetórias e a localização dos jovens no espaço social tornam os processos de incorporação bastante específicos e variados?*

Nesses espaços em que se desdobra a iniciação científica, as interações sociais são atravessadas pela origem social dos jovens, porém, como se busca evidenciar, outras matrizes e influências socializadoras estão envolvidas no significado e na relevância social que os jovens atribuem a esses espaços. Dessa forma, a iniciação científica contribui para a incorporação de novos interesses e novas formas de se portar nesses contextos, contribuindo também para a reafirmação de interesses e crenças e para o delineamento de estratégias mais objetivas para a consecução de seus projetos de futuro.

18 “A questão que norteia esta análise procura compreender a distinção entre dois momentos precisos na vida de um jovem que tenha passado por esta experiência, ao fim da qual é fortemente incorporado à ciência” (Neves, 2001, p. 75).

Estamos propondo que esse processo de incorporação pode ser muito diverso, mesmo que os indivíduos observados sejam oriundos do mesmo segmento social.

As variações interindividuais e intraindividuais das suas disposições sociais para o envolvimento com a cultura científica, por meio da iniciação científica, engendram arranjos múltiplos, configurando, sem relação de exclusão, casos em que se observa a persistência das dissonâncias das disposições sociais de origem e clivagem do *habitus* – como proposto por Bourdieu –, da adaptação mais ou menos homogênea das disposições – como defendido por Lahire – e da hibridação do *habitus* – como construído por Setton –, o que se busca evidenciar a seguir.

Disposições consonantes

E1 – O jovem asceta e a religião

João¹⁹ apresenta bom rendimento escolar. Educado, pontual e muito interessado pela ciência, recebeu apoio da família para participar do programa. Apresentou curiosidade e interesse por manipulação em laboratório e pelas atividades práticas. A orientadora emitiu parecer favorável para seu ingresso na segunda etapa do Programa de Vocação Científica da Fundação Oswaldo Cruz (Provoc-Fiocruz/RJ), denominada “Avançado”, registrando que: “O aluno demonstrou grande interesse e dedicação nas suas tarefas”.

19 Todos os nomes de entrevistados e respectivos parentes são fictícios.

Filho de migrante nordestino, o pai de João chegou ao Rio de Janeiro (RJ) aos 12 anos, analfabeto, oriundo da Paraíba, com sua mãe e um irmão caçula:

Ele que era o... chefe da casa, com 12 anos, entendeu? [...] quando ele chegou no Rio de Janeiro, é que ele foi correr atrás de escola pra ele, ele foi correr atrás de escola pro irmão dele, e foi correr atrás de trabalho pra poder sustentar a casa, tá? [...] Veio pra cá quando era Maré ainda [...] era Maré mesmo, entendeu? Aí, era tudo... tudo de barraco. Madeira, barraco... [Ah, palafita, na época era palafita.] Isso! (João).

A mãe, carioca, residia na Maré quando conheceu o pai de João (moravam na mesma rua), e também era filha de migrantes: “eu acho que eles [avós maternos] já eram do Rio Grande do Norte”.

O pai de João tem diploma de ensino médio, está aposentado, mas continua trabalhando como despachante em duas empresas. A mãe abandonou os estudos para cuidar da casa e da filha com déficit cognitivo. Havia trabalhado por um tempo como faxineira/diарista e, à época da entrevista, trabalhava em casa como explicadora, um tipo de professora infantil de reforço escolar em todas as disciplinas.

Um primo tem diploma de educador físico e outra prima também tem o diploma de ensino superior, mas João não sabe qual a formação. Em outra habitação, em frente à casa de João e de seus pais, residem sua avó materna, alguns tios e primos, proximidade que estreita os laços entre todos. A avó paterna e a tia residem em outro bairro, mas sempre realizam visitas. Um tio paterno reside em outro estado. A família nuclear de João é testemunha de jeová, os demais parentes são católicos ou evangélicos.

A valorização da educação é herança paterna, as disposições para o rigor, o moralismo e a hipercorreção estão presentes desde a primeira infância. João foi alfabetizado por seu pai ao mesmo tempo em que foi iniciado na religião:

[...] o meu pai sempre me ensinou, sempre eu li com ele, entendeu? Sempre. Com quatro anos eu já sabia ler. Eu já era... com 4 anos, eu tava na explicadora também, né? E com 6 anos, eu já tava na primeira série; eu fui criado, entendeu, estudando mesmo. Não [...] estudando o que os outros estavam falando, entendeu? A gente nunca foi criado assim. Do que os outros falou e a gente vai aplicar. Não. A gente foi... e a gente aplicava aquilo que a gente lia. Que a gente estudava e que aprendia, entendeu? Sempre foi lendo e estudando. Então, é que mais ou menos aquilo, né? Leu, aprendeu, né? Então vamos aplicar (João).

Desse modo, a convicção religiosa favorece a construção de disposições sociais ético-práticas como disciplina, estudo, domínio dos princípios ordenadores da crença, aplicação dos conhecimentos nas atitudes cotidianas e evitação do desperdício. Ser persistente, cordial, cuidar do próximo e trabalhar pela harmonia configuram aplicações práticas dos mandamentos religiosos: “Amar a Deus e a nosso próximo”.

Essas mesmas disposições são mobilizadas e reforçadas no contexto do laboratório. Assim, João justifica que não pode abandonar a religião para que não seja vão o longo investimento nos estudos religiosos: “Então vai ser em vão esse estudo que eu tive a minha vida toda”. Justifica que a produtividade da pesquisa evidencia que não

foi vão o tempo dedicado: *“A gente dedicar um projeto de dois anos pra num... Ser em vão?”*.

João cursou o ensino médio em colégio da rede municipal, *“que é o colégio [...] da comunidade. Acho que foi a única vez, né? Que teve colégio”*. Foi a primeira e única turma e ingressou no programa de IC/EM com a idade de 14 anos, por indicação de uma colega que cursava o programa (a colega não chegou a concluir a primeira etapa) e por imposição de sua mãe: *“Aí, chegou lá em casa falando, né? Pra minha mãe e tudo. Aí, eu num queria nada com a vida na época. Queria bagunçar”*.

Apesar do seu desinteresse, submeteu-se à regra da mãe, compreendendo que o período do ensino médio é aquele no qual a pessoa projeta o seu futuro:

A pessoa tem que procurar um caminho né? [Para] depois, quando acabar, já ter um rumo, né? E eu num tava fazendo nada. Só estudava, chegava em casa, comia e dormia, né? Minha mãe num queria ver aquilo [risos]... “vai arrumar alguma coisa” (João).

Se João não se dedicava espontaneamente aos estudos, chegava em casa, comia e dormia, o tempo de escolarização era vazio: *“num tava fazendo nada”*. Os pais sempre priorizaram os estudos e nunca solicitaram que ele trabalhasse.

Ele não compreendeu exatamente do que se tratava o programa de iniciação científica no ensino médio: *“Eu pensava que era um curso”*. Inscreveu-se na escola de origem (parceira de uma organização não governamental, o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – CEASM), conveniada à instituição de pesquisa, para a participação

em processo seletivo concorrido – “*tinha bastante gente inscrito na época*” –, realizado pela coordenadora da escola e por coordenadoras da IC/EM: “*Fez uma série de... de entrevistas, de reuniões. Eu participei em todas*”.

Essas reuniões configuraram experiência única de preparatório para o ingresso nesse programa de IC/EM, por meio de estratégias como a realização de reunião com os pais para divulgação de informações sobre o programa, mobilização e conscientização dos jovens sobre a importância da oportunidade, consecução de cursos, por exemplo de Informática, e organização de visitas aos espaços da instituição de pesquisa.

Julga que sua experiência de desconhecimento é comum a todos os jovens que ingressam na IC/EM:

Num tinha noção das coisas. Num sabia o que há, entendeu? Esse meio científico, de pesquisa... num sabia de nada. Como hoje, né? [...] entra hoje, num sabe de nada também. Eles entram aqui pra entrar pra saber o que eles vão saber. Pra ter a noção, né? Do que é esse... ter o comportamento dentro do laboratório do que é uma pesquisa? [...] pra saber se é realmente aquilo que quer ou não, né? Pode ver a maioria, né? Sai ou fica. [A maioria num fica.] Num fica. [Quando descobre o quê?] Quando descobre que num é aquilo que... que ela esperava, entendeu? Num é aquilo que ela quer (João).

João entende que o ingresso no programa de IC/EM repercutiu no desempenho escolar. Seu rendimento era médio na maior parte das disciplinas e péssimo em biologia: “*Tava em recuperação já na época, só nota vermelha, entendeu?*”. Após o ingresso no laboratório “*as*

professoras ficaram sabendo, aí, ficou exigindo mais a gente [...]. Aí, as notas foram melhorando. O interesse pelo estudo foi aumentando”.

A primeira pesquisadora-orientadora de João, à época vice-diretora de um órgão da instituição de pesquisa, continuou a orientá-lo durante todo o percurso acadêmico. Mas, ao longo da IC/EM, ela não teve oportunidade para acompanhá-lo e, assim, foi uma bolsista da IC/EM (que em exceção recebeu bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Pibic) que efetivamente o orientou nos primeiros passos da pesquisa:

[...] era uma bolsista Pibic na época, que também tinha entrado no mesmo ano e ela tinha um projeto que era sobre comportamento de triatomíneos, de barbeiros, né? Uma espécie de barbeiro. E eu fiz parte de outro projeto também, junto com ela, né? Uma partezinha desse projeto que era dela passou pra mim e foi o meu projeto (João).

Os dois, “eu e ela cambaleando porque ambos num tinha experiência, entendeu?”. Ainda assim, o projeto de João foi contemplado com menção honrosa:

Se erramos, erramos juntos, se acertamos, acertamos juntos. O resultado do experimento deu tudo errado. Porque quando a gente fez... o experimento, a gente fez em grupo, entendeu? Ajuntamos, por exemplo, quinze barbeiros num pote só e pesávamos tudo junto. Num era tudo junto, tinha que ser individual (João).

A estratégia dos bolsistas não gerava economia de trabalho, tão cara a João, e uso proveitoso e consciente do tempo: *“Porque o trabalho é o dobro”*.

Após a conclusão do ensino médio, João ingressou em uma faculdade particular, onde cursou Licenciatura em Biologia no período da manhã e à tarde permaneceu no laboratório participando como Pibic de um projeto maior sobre doença de Chagas. Após a conclusão deste, ingressou em outro projeto, *“TEC-TEC [Programa de Bolsas para Técnico e Tecnologista], que é semelhante ao Pibic”*.

A conciliação das atividades era organizada pelo próprio estudante e favorecida pela pesquisadora-chefe do laboratório. Nas semanas de exames: *“Eu pedia dispensa [...] era dispensado nessa semana, [para] poder estudar pra prova”*. Por iniciativa própria, ele aumentou o número de disciplinas cursadas por semestre e concluiu a graduação um período antes do regular. Após a graduação, cursou especialização *lato sensu* em Gestão Ambiental.

A dedicação às atividades relacionadas à biologia é explicada por sua identificação e seu gosto pessoal:

Me identifiquei bem, por isso que eu tô lá até hoje. E se eu num gostasse, acho que eu, xiii, saía, né? Ia procurar outra coisa. [...] Eu acho que eu só gostei dessa área mermo porque as outras áreas também... num interesse, que é outras áreas de biologia genética, microbiologia (João).

João é atento às ofertas profissionais, mas dispõe de poucas informações sobre as profissões, compreendendo melhor aquela que teve

contato por meio da IC/EM e aproximando sua escolha ao capital cultural acumulado. Na idade de 14 anos, desenhava e considerava

[...] fazer alguma coisa sobre desenho industrial, que tinha muito na época, agora designer e... ou informática... também é a sensação, né? Porque tudo pensa na informática. Mas, quando eu entrei pro laboratório foi... aí, mudou, né? Quando eu tive realmente conhecimento, né? Foi uma coisa que me chamou atenção, eu fui fazendo, fui trabalhando... (João).

A escolha do curso de graduação, função da inserção no laboratório, repercutiu sobre o desempenho diferenciado em relação ao dos colegas, assegurando a manutenção da bolsa, mas não significou a conquista da perfeição:

Eles num tinha experiência nenhuma [...] foi bastante importante porque fez a sua diferencial, entendeu? [...] mais de trinta matérias que você tem numa faculdade, num vai ser em todas que você vai ser perfeito [...] nada que também me compromettesse, né? Nunca fiquei reprovado em nenhuma matéria, entendeu? Consegui até fazer um bom CR [Coeficiente de Rendimento], na faculdade. Que era importante também por causa da minha bolsa (João).

A bolsa do laboratório permitiu o pagamento das mensalidades da faculdade, exigindo um alto nível de entrega de si aos estudos e de rigor financeiro, favorecendo suas disposições para o planejamento: “Pra você num ter que perder a bolsa, né? Você tinha que estudar igual louco”. A reciprocidade das atividades, o fato de cursar Biologia para permanecer no laboratório e de permanecer no laboratório para cursar Biologia o colocava em posição diferenciada e mais sólida quanto

aos projetos de futuro em relação à experiência de investimento de outras situações vividas por jovens em condições semelhantes:

[...] de um vendedor pra mim... pra mim ganhar meu dinheiro, né? Pra pagar uma faculdade de Geografia, né? Pra futuramente, eu poder trabalhar na área de geografia. Não, eu já trabalhava na área de biologia [...]. Eu tava investindo numa coisa que já tava no caminho. Aí, foi... num tive dificuldade nenhuma. Fui até beneficiado (João).

O mesmo ocorre para a escolha do curso de pós-graduação, voltado à educação ou à engenharia cartográfica. A primeira escolha está articulada à sua permanência no laboratório, porém, agora, a partir de uma posição de maior prestígio, pois visa a um conhecimento que os pesquisadores do laboratório não têm:

[...] os pesquisadores às vezes sabem mais comportamentos de barbeiros do que de educação, porque nunca foi a área deles [...]. [As pessoas, né?] Exatamente. Então eu vou tentar fazer o mestrado, pra [risos] ter uma noção da gente continuar esse projeto, entendeu? (João).

A partir da condição de membro do laboratório, João tem clareza sobre a hierarquia institucional e os limites de sua liberdade. Na escolha da pós-graduação o gosto pessoal é mais importante que as sugestões da pesquisadora/orientadora (cursar Parasitologia), mas objeto de negociação com esta, em função de suas expectativas de permanência no laboratório e em projetos futuros. A autorização da pesquisadora/orientadora é fundamental pela influência que exerce na rede de sociabilidade – “Vamos... escolher... um orientador, né? Aí,

tem que conversar com o orientador. Qual a nossa proposta, né?” – exigindo como retorno a produção acadêmica:

Ela às vezes te dá nomes, assim... O bolsista dela bem à vontade para escolher a linha de pesquisa deles, entendeu? Mas aí... naquela importância de que dê um retorno, né? Que o laboratório, ele movimenta por produtividade. A gente dedicar um projeto de dois anos para num... ser em vão? (João).

Ajustado ao funcionamento do laboratório por meio do discurso incorporado de pertencer a um grupo com objetivos que ultrapassam os indivíduos, busca alcançar um lugar diferenciado, o que fortalece suas disposições coletivas e aspirações individuais.

A graduação em licenciatura, associada à experiência de pesquisa qualitativa realizada pelo laboratório – em que foram realizadas entrevistas de aplicação de questionários a moradores de determinada localidade – e ao seu antigo interesse pelo desenho, abrem novas expectativas:

[...] eu queria aplicar na educação lá, era como se fosse uma cartilha educativa, entendeu? Ou... eu e outro pesquisador lá também que gosta muito, né, dessa parte artística, e tava querendo fazer o tal filme educativo também. Pra poder passar pras crianças, nas escolas. Formas de orientar, pra incentivar eles (João).

As bolsas concedidas a João são utilizadas para a sua própria sobrevivência, custeio dos estudos, aquisição de roupas, calçados, desonerando o pai desses gastos. Sabe que ganha pouco, mas, ainda

assim, ganha mais do que em outras ocupações possíveis e realiza uma atividade prazerosa:

[...] se eu tivesse trabalhando lá fora, talvez eu estaria ganhando menos, né? Fazendo uma coisa talvez que eu num gostasse. Pelo menos aqui eu ganho pra estudar, que é bastante importante e é até mais compatível do que está se ganhando, lá fora [...]. Que é menor ainda, entendeu? Então, eu me sinto privilegiado (João).

O grande projeto é alcançar estabilidade financeira e demonstra muita clareza sobre o percurso a ser trilhado: mestrado, doutorado e concurso público. “*Esses são os meus passos e isso é o meu alvo, meus alvos.*”

Os pais participam como podem da trajetória de escolarização de João, configurando o suporte que lhes é possível no projeto de prolongamento. Oferecem moradia, alimentação, estabilidade emocional e uma escuta interessada. Questionado pela entrevistadora sobre a compreensão dos pais do que vem a ser uma carreira acadêmica, afirmou que os pais “*compreendem porque eu converso muito com eles, né? Sobre isso. E eles sabem né? Qual é a responsabilidade*”. Ainda assim, eles não têm uma noção mais concreta dos problemas e dos conflitos envolvidos na inserção na instituição de pesquisa. Sua mãe “*pensa que é [...] mil maravilha, né? Eu: ‘Oh, um dia vou te chamar pra fazer um tour lá dentro, que tu vai ver como é que é’*”.

João considera que aprendeu a pesquisar com os erros. E as qualidades para se tornar pesquisador são gostar da atividade e desejar sobressair-se por meio do esforço pessoal: “*Sempre querer se aprimorar, né? Correr atrás, entendeu? Tem que lutar muito, né? Não pode*

ficar estagnado, né? Esperando que a coisa caia do céu, no seu colo... que num é assim". Contra a passividade, João demonstra iniciativa em realizar seus projetos futuros.

João avalia positivamente os desdobramentos das iniciativas de IC/EM com relação à socialização das informações úteis à escolha das carreiras e profissões:

[...] eu acho que o programa que vocês estão fazendo é muito importante para as pessoas que ficavam em casa sem fazer nada. Com um curso desses, pode fazer bem pra mim e outras pessoas, e já pode programar seu futuro (João).

Também avalia positivamente as visitas realizadas pelas escolas a esses espaços de ensino: *"Depois daquilo a gente vinha direto pra biblioteca fazer trabalho de escola, né?"*.

Aos 23 anos, reside com os pais. Há oito meses está com sua primeira e única namorada, que conheceu em trabalhos voluntários de sua religião. Ela mora em outro bairro, e, para encontrá-la, João usa duas conduções. A moça de 19 anos é técnica em informática, concluiu o ensino médio, trabalha em uma empresa que fornece material hospitalar e pretende cursar Design de Interiores no ensino superior. João pretende casar-se com ela em breve e mudar-se da Maré, que *"tem muitas oportunidades pra jovens; tem pessoas que, pô, maravilhosas, entendeu? Tem ambientes que é muito agradável, né?"*, mas *"a violência predomina"*. Seus pais também planejam mudar-se.

O lazer está associado à academia – onde pratica malhação, que abandonou por preguiça – a jogar futebol, a ir ao cinema ao menos uma vez por mês e a passear, por insistência da namorada, principalmente

frequentando o shopping: *“Sábado agora fui na casa dela, aí, ela já tava me esperando na porta, na chuva, pra ir ao shopping. Quando ela me viu, ela falou: ‘Vamos embora’”*.

João realiza trabalhos voluntários como atividade inerente à religião, em programação específica intitulada “Construção”, em que cada um coopera com suas habilidades.

Nas horas de descanso assiste à televisão, lê alguma coisa e joga videogame: *“uma geração que cresceu com isso num vai querer abrir mão”*. Seu gosto musical é eclético: *“gosto de tudo”*. Viaja pouco, mas realizou viagens para as atividades de pesquisa do laboratório, para participar de um congresso na Bahia – *“uma viagem de luxo”* –, e permaneceu uma semana no Ceará realizando coleta de dados. Participa das confraternizações organizadas no laboratório e na instituição de pesquisa, *“[Pra fazer o social né?] Ou, então, ser o antissocial”*. As festas que ele frequenta são realizadas pelos sogros e está sempre na casa deles: *“aí, chama pra fazer uma festinha, chama o pessoal, chega lá surpresa, né? Aí, pô, também é surpresa pra mim, né? [risos]”*.

Setembro, 2009.

João é coautor de diversos artigos científicos, o mais recente publicado no ano de 2012. (Fonte: Plataforma Lattes, última atualização, nov./2013. Consultado em fev./2015.) Não foi identificado perfil público em rede social.

Disposições dissonantes

E2 – O jovem desiludido e a consciência prática

Antônio está implicado em um projeto de vida – alcançar estabilidade – cujo planejamento demanda rigor e disciplina. Essas disposições possibilitaram que, aos 23 anos, Antônio tenha concluído o ensino médio e prestado serviço militar obrigatório por seis meses. Está prestes a concluir a graduação em Farmácia e trabalha como professor de química em uma escola da rede particular. Pretende, ainda, cursar pós-graduação *latu senso* em Entomologia Médica e, posteriormente, realizar o mestrado e o doutorado. Além disso, estuda sozinho para prestar concurso para o cargo de perito da polícia civil e, desde os 16 anos, manteve vínculo com o laboratório no qual ingressara pelo programa de IC/EM:

[...] fiz pesquisa na UERJ, na parte de produtos naturais pra... tratamento da leishmaniose e também pra faculdade que foi... um trabalho de parasitoses em crianças da Vila Cruzeiro. Que é uma comunidade que tem aqui em Olaria (Antônio).

Até a adolescência, residiu em Manguinhos com seus pais e irmã. Todos católicos, frequentam a igreja “eventualmente, uma vez ao mês ou em dias... em dias especiais, [...] dos santos”. A família mudou-se para Bonsucesso, ficando mais próxima à avó paterna e vizinha de um tio materno. Planejam mudar-se novamente, para um bairro mais distante da comunidade:

[...] o ambiente onde eu vivo é... bem seletivo. Se você... [não] aprende pelo bem, você aprende pelo mal. A metade dos meus amigos não tão aqui pra contar, né? E os que... os que

tiveram, alguns ainda tão pra aprender e outros aprenderam já (Antônio).

A mãe veio da Paraíba, tão jovem que seu documento de identificação foi alterado para que pudesse viajar. Outros irmãos da mãe também migraram para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Neste último estado ela morou na casa do irmão mais velho até se casar. Sempre trabalhou como empregada doméstica, deixando o trabalho devido ao cansaço e para visitar a família na Paraíba, que não via há quinze anos. Nunca foi à escola, mas já sabia ler, alfabetizada tardiamente pelo marido e pelos filhos. Antônio conheceu a Paraíba, onde esteve por um mês. Conheceu dez tias maternas e os primos “*são incontáveis*”. Todos residem em “*um sitiozinho bem humilde*” próximo a uma plantação de cana.

O pai, nascido em Campos (RJ), é funcionário da mesma instituição de pesquisa em que o filho viria a participar do programa de IC/EM. Trabalhava ali há vinte e seis anos. Ingressou com o nível de ensino fundamental incompleto, para o “*trabalho braçal*”. Concluiu os estudos na própria instituição e, além do ensino médio, realizou um curso técnico que possibilitou a promoção para o cargo de técnico em saúde pública à época da entrevista.

Na infância, Antônio permanecia todo o tempo em casa, com a irmã, dois anos mais nova, e o avô paterno (falecido) – “*ele já tinha bastante idade, então, a gente é... na verdade, a gente que tomava conta dele [risos]*”. Dessa forma, a escola configurava um importante espaço de socialização. “*Era ‘um aluno regular’*”, faltava pouco e não tirava notas baixas.

[Mas, você gostava de estudar ou gostava da escola?] Gostava. Num era... eu não saía pra rua. Todo mundo trabalhava e eu tinha que cuidar da minha irmã. Então, eu ficava em casa, sempre. Num tinha é... amizades na vizinhança. Então a única amizade que tinha era na escola. Então, era interessante ir pra escola [risos] (Antônio).

Além da família, frequentava o trabalho do pai: *“Eu fui criado aqui. O meu pai [...] sempre me trazia pra trabalhar com ele”*. Além do pai, seu padrinho, veterinário, também era membro de um grupo de pesquisa focado no estudo de primatas da mesma instituição: *“Eu vi ele trabalhando também, quando eu vinha com meu pai e... Eu acho que gostei do trabalho”*.

Na adolescência, buscou na igreja, que frequentava sozinho, um espírito comunitário de solidariedade, mas encontrou contradições. Ajudava o professor de caratê, substituindo-o em sua ausência, e pretendia ser padre, *“entendia que era pra tentar ajudar a comunidade. Mas não, não era, na verdade num era isso, porque você ficava muito pouco em determinadas comunidades e acabava não fazendo trabalho algum”*.

A lógica de seu afastamento da igreja é exemplificada por uma história que lhe foi contada posteriormente por um professor seu, que deixara de ser padre por se sentir decepcionado com atitudes incoerentes dos religiosos. O caso também remete à distância social advinda da posse diferenciada de conhecimento e do uso deste para a humilhação social de outrem:

[...] ele abandonou pela hipocrisia que tinha entre... entre os... entre os seminaristas. Tinha... ele teve um problema que

ele... num gostou muito foi de um... senhor que trabalhava de graça pros... no mosteiro e em troca ele queria aprender francês. E a primeira coisa que o padre fez foi “Você é um asno”. E falou pra ele que é “bom dia”. Então, ele falava pra todo mundo que era um asno. Os padres começavam a rir e ele num gostou muito dessa história e acabou saindo do seminário. Isso depois de muito tempo também que eu conheci esse professor (Antônio).

O ingresso na IC/EM ocorreu por intermédio da ONG CEASM. Antônio cursava o ensino fundamental em escola municipal e fazia “o preparatório pro curso técnico, do ensino médio. Eles avisaram um ano antes e no seguinte foi feita a seleção” entre vinte e seis estudantes, Antônio foi selecionado. Também se inscreveu para cursos técnicos, “curso de Patologia na Faetec [Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro] e me inscrevi também na federal [Universidade Federal do Rio de Janeiro] de Química”, mas não foi aprovado.

Dessa forma, ao contrário do desconhecimento que marca boa parte das trajetórias dos jovens das camadas populares que ingressam em instituições de ensino superior e pesquisa, Antônio foi socializado nos espaços frequentados pelo pai, trabalhador braçal e posteriormente técnico, e, eventualmente, pelo padrinho, portador de diploma de ensino superior e membro de grupo de pesquisa.

Percebeu a diferença da ocupação a partir do diploma no espaço institucional e ambicionou a posição do cientista: “Era um sonho”. Apesar do trabalho na instituição de pesquisa, o pai não conhecia o programa: “Ele ficou surpreso. Porque ele num... realmente num conhecia. Num teve uma reação muito grande. Ele ficou feliz, ficou contente porque foi uma coisa que eu fiz praticamente sozinho, né?”.

A prática de circular pelo espaço institucional e interagir com os funcionários do círculo do pai eliminou uma etapa de familiarização e de descoberta que favoreceu a concentração do investimento intelectual e emocional na socialização no laboratório:

Conhecia a... os locais e num tive dificuldade de adaptação. Era fácil porque eu... ia andando da minha casa pra cá. Era um sonho, entrar e fazer parte da... fazer parte de um grupo de pesquisa. E... eu achei muito gratificante (Antônio).

Porém, a socialização no laboratório, favorecida por uma maior afinidade com os técnicos que “sempre tava me orientando na parte prática”, foi acompanhada por um sentimento de não pertencimento e pela percepção de uma distância muito grande entre as suas práticas sociais e as dos demais membros, razão pela qual permanecia a maior parte do tempo do laboratório em silêncio:

Eu acho que eu era intimidado um pouco por esse... por esse meio que eu num conhecia e que [fui] aprendendo com o passar do tempo. [O que você sentia?] Que era um... um ambiente que num era o meu. Era um... era uma área que era totalmente diferente do que... do que eu vivia. Era... uma comunicação diferente... Era o jeito das pessoas o... a conversa das pessoas era diferente. Acho que tudo. [Você se sentiu constrangido?] Não. Não constrangido. Eu acho que foi... num tinha, vamos dizer que num tinha... conversa mesmo. Num tinha... aquele hábito, num tinha... eu me sentia um pouco fora do que... fora um pouco do meu ambiente. E eu tentava me adaptar. À medida do possível (Antônio).

Se Antônio procurava adequar seus comportamentos ao laboratório, essa mudança também repercutia nos espaços de origem, tensionando as disposições para as relações interpessoais legítimas e ilegítimas. Veicular novas formas de comunicação e estratégias de resolução de conflitos marcam diferenças ali tratadas como arrogância ou esperteza:

[...] a gente aprende determinadas coisas e a gente acaba tentando passar o que a gente aprende pra aquele meio onde a gente nasceu. E acaba criando determinados conflitos. Mas, como qualquer coisa nova, é... difícil adaptação, mas se a gente persistir sempre... Sempre dá um jeitinho. Sempre torna tudo... tudo normal [...] tem gente que me chama de arrogante, tem outros que chamam... entre aspas de esperto, né? [...] pelo grau de instrução. Às vezes era... a comunicação extremamente agressiva, com palavrões, e você tem uma abordagem diferente desse tipo de... de linguagem, aí, se você se tornar é... um pouco diferente por causa disso (Antônio).

Assim, situado “entre dois mundos sociais”, será por meio da atividade de docência que buscará conformar ideais parecidos com os seus junto aos jovens estudantes (e trabalhadores) do ensino médio, em um esforço de legitimação de suas escolhas e de sua trajetória: “por eu ter a idade deles e entender o meio onde eles vivem, as coisas que eles gostam, eles me respeitam mais. Então, eles me tratam como amigo”.

A primeira etapa da IC/EM foi realizada com tranquilidade, encontrando espaço para seus talentos:

[...] me dei bem porque eu sabia desenhar. [...] Fazer desenhos dos insetos. Fazer determinadas estruturas que num é visível

a olho nu e que também ficaria difícil de representar em foto, tinha que representar eles em desenhos. E a [primeira etapa] foi... foi fácil. Por causa desse meu dom (Antônio).

Porém, a segunda etapa foi conflituosa, devido ao serviço militar obrigatório. A coordenadora pedagógica da IC/EM insistiu pela manutenção do vínculo, em função da dedicação de Antônio “*Eu ia até é... dias a mais do que... do que era proposto*”, que persistiu:

[...] eu fazia de tudo, saía mais cedo nas sextas-feiras e às sextas-feiras eu vinha pra... vinha pro laboratório, acabava dormindo [risos]. Era difícil porque tinha serviço e... no serviço ficava às vezes vinte e quatro horas sem dormir. Aí, ainda tinha que cumprir expediente até meio-dia e eu ainda vinha na sexta-feira e ficava até às cinco horas da tarde (Antônio).

Sentia-se deprimido.

A posição da orientadora foi central para a conclusão da etapa: “o projeto final acabou dando tudo certo pela minha orientadora. Ela me ajudou, sempre mandava as coisas por e-mail. Ajudou além que ela podia e deu pra terminar tudo certo”. Esse capital social seguiu na continuidade dos estudos, Antônio permanece com a mesma orientadora, descrita como presente, responsável e “*prestativa*”:

Ela sempre tava presente em todos os dias que eu ia. [...] E sempre que eu precisava da ajuda dela, sempre que... que eu tinha uma dificuldade, ela sempre parava o que estava fazendo e me ajudava. Eu num tive assim, pra mim foi muito fácil porque pela presença da orientadora é... tudo se tornava-se

mais fácil. Todas as dúvidas eu ia diretamente pra ela e ela era responsável por mim. Então, ficava bem mais fácil (Antônio).

Dos oito alunos da IC/EM que ingressaram nesse laboratório, apenas três saíram: “*um foi fazer Medicina, um Arquitetura e uma outra eu num tive contato*”. No entender de Antônio, isso se deve, em grande parte, ao fato de que a orientadora não fazia distinção entre os alunos: “*Não importava se eu era aluno de ensino médio ou um aluno de graduação ou um aluno de pós-graduação. Pra ela, era todo mundo igual e todo mundo tinha uma importância dentro do laboratório*”.

Esse argumento é exemplo da incorporação do discurso ali inculcado – “*a doutrina da hierarquia do saber*”:

[...] quem sabia mais ensinava pra quem sabia menos. Independente do seu... do seu título. Lá num tinha, não tinha divisão por títulos. Tinha divisão do saber. Não era porque eu era do [programa de IC/EM] que eu não poderia ensinar prum graduado ou um graduado num poderia ensinar prum mestre. Então, era quem sabia mais, não quem tinha maior título (Antônio).

Essa doutrina era difundida, principalmente, por um professor-pesquisador que encarregava Antônio dos desenhos para suas publicações internacionais:

[Hierarquia do saber] era uma das palavras mais repetidas e que não era só dele. Era de todo mundo. Então, todo mundo respeitava isso. E... tinha uma competição de quem sabia mais do que... do que ele? Tá, todo mundo queria ultrapassar ele. [...] Aí, tinha uma disputa de quem... publicava mais

trabalho. De quem é... apresentava mais seminários. Então, tinha... e era saudável. Num tinha essa briga, num tinha uma rixa. Era divertido. Ele [o professor] iria aprender mais pra que você [risos], pra que num... para que não ultrapassasse ele (Antônio).

Obviamente, a ausência de hierarquia orientada por títulos instituía um ambiente de trabalho baseado na cooperação, mas, sobretudo, na possibilidade de ascensão na hierarquia do saber e, muito ciente disso, o professor dava participação ao pupilo considerado competente em suas publicações.

Na transcrição da entrevista, realizada por uma pesquisadora e pela coordenadora pedagógica do programa, esta última diz a Antônio que esse professor o escolhia para essa função justamente por sua capacidade de permanecer por períodos prolongados concentrado em sua tarefa, em silêncio, o que imprimia maior precisão a seus desenhos, ao que ele responde: “*Eu não sabia*”. A pesquisadora que realizou a entrevista observa que aquilo que para Antônio significava sintoma de seu desajuste era uma atitude própria do pesquisador: a capacidade de contemplação. Mas Antônio, encabulado, responde apenas que trabalhava as vinte horas mesmo. Desse modo, a entrevistadora ressignifica para Antônio a compatibilidade entre suas disposições para o trabalho científico e o contexto do laboratório.

Durante o ensino médio, Antônio filiou-se a um partido político e participou de um congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) em Brasília (DF). Foi quando conheceu sua atual namorada: “*Foi no congresso da UNE. A gente faz parte de um... quer dizer, fazia parte dum partido político. Mas a gente obviamente saiu*”. (A experiência da participação política e agremiação não é desenvolvida na entrevista.)

Após a conclusão do ensino médio, ingressou em faculdade particular para cursar Farmácia, “*consegui uma bolsa pelo Ministério da Saúde, porque meu pai trabalha aqui*”. A escolha do curso: “*Foi dinheiro [...] nada a ver com a área que eu faço pesquisa*”. Mas as informações sobre carreiras, profissões e mercado de trabalho foram potencializadas pelos conhecimentos do padrinho, veterinário:

Seria mais fácil arrumar emprego. Como biólogo e médico veterinário seria mais complicado. Porque fora, fora a... o serviço público, ainda tem a iniciativa privada. Poderia dá... dá um retorno pelo... pelo curso que eu tenho feito. Já na Biologia e na... na Medicina Veterinária, num daria. Por isso que eu escolhi Farmácia (Antônio).

Apesar de considerar a orientadora “*como uma mãe*”, ela não participou da escolha do curso:

Ficou meio surpresa [risos]. Viu que num tinha muito a ver com a área, mas que ainda dava pra... ainda dava pra fazer parte do grupo. Que já tinha farmacêutico também, que trabalha em uma empresa em Niterói produzindo inseticidas e veio se aperfeiçoar no laboratório (Antônio).

Antônio está prestes a concluir a graduação e com pouco tempo para as atividades de pesquisa:

[...] já tem alguns, alguns dias que eu num apareço no laboratório. Pela, não só pelas aulas de química, mas também pelos estágios da faculdade. Tá tomando o... um pouco do meu tempo. Então eu tô... falei com ela que ficaria um pouco

distante e tô pretendendo fazer um projeto pra fazer especialização em Entomologia Médica (Antônio).

Dessa forma, ao mesmo tempo em que se prepara para o mercado de trabalho, procura assegurar o vínculo com o laboratório de pesquisa, razão da escolha da pós-graduação *lato sensu* em Entomologia Médica: “*Que é o que eu realmente gosto, né? É o que realmente eu quero continuar fazendo*”.

Suas disposições coletivas favorecedoras de acúmulo de capital social se estendem ao campo do trabalho. Foi indicado por uma colega professora para assumir as aulas de química em uma escola de ensino médio da rede particular. Parece estar à vontade na função e considera a proximidade social e de sua idade à de seus alunos um ponto favorável, que lhe permite compreender o que eles desejam e realizar práticas pedagógicas alternativas consonantes ao desejo dos estudantes do ensino médio, além de transmitir informações que ele julga necessárias, por exemplo sobre o mercado de trabalho:

[...] uma parte da química mais prática. Levar é... materiais pra fazer... sabonetes ou pra fazer algum... alguma coisa relacionada à química. [...] a turma do 2º ano é mais consciente a esse tipo de coisa, eles ficam me perguntando [...]. Eu consigo chamar atenção [...] não o que eles vão fazer no ensino médio, mas quando acabarem (Antônio).

Nesse sentido, o pessimismo de Antônio é originado da angústia da experiência particular de um não saber e da generalização dessa experiência – o menino que, privado da convivência com os pais que estavam trabalhando, conheceu um mundo de fantasia pela televisão. Assim, o que eles precisam saber é que a experiência não será

uniforme nem isenta de preconceitos, pois, no mundo da vida, as pessoas não são iguais:

Pelo lugar onde eles moram, pela dificuldade de acesso a... a informação. O grande meio mesmo de informação deles é a televisão. Então, eles acham que tudo [não] passa de um programa de televisão. Que tudo vai dar... que eles não têm dificuldade, que eles não vão sofrer... sofrer preconceitos, não vão... não vai ter nenhuma dificuldade financeira, não, vai ocorrer tudo de uma maneira uniforme. E, na verdade, não, num é uma coisa que vai realmente acontecer (Antônio).

Isso se dá pela falta de comunicação com os pais:

Os pais é... por morar longe, têm que sair muito cedo de... têm que sair muito cedo de casa e chega muito tarde em casa. E a comunicação com esses filhos fica... complicada e eles ainda... não... não entenderam como é que funciona o... a casa deles. Eles acham que tudo ainda é... a base dos pais e que tudo acontece perfeitamente (Antônio).

Supondo que os pais saibam mais sobre o mundo exterior do que são capazes de transmitir aos filhos, afirma também que a consciência dos jovens de sua necessidade de desenhar uma inserção no mercado de trabalho se dá em razão da pobreza e da realidade dos pais: “até pelo meio onde eles vivem num é um... num é um bairro muito... aonde tem gente com poder aquisitivo muito alto. Então eles sabem o problema que os pais é... vivem. Então eles querem melhorar”.

Ao mesmo tempo em que projeta a sua história de vida nas trajetórias de seus alunos, conhece bem suas histórias individuais. Esse dilema permite uma solução dialética:

[...] alguns não. Tem uma menina que ela... ela até falta bastante pelo trabalho dela, que ela é pizzaiola. Ela trabalha até uma hora da manhã, não consegue acordar às sete e meia da manhã pra ir em sala de aula. Ela é uma exceção, ela sabe. [...] Ela, na verdade, foi até abandonada pela mãe. A mãe voltou pro estado, pro estado dela, que era Pernambuco, e ela... sustenta as irmãs. Então, ela conhece muito bem, apesar dela ter apenas 16 anos, ela é uma chefe, chefe de família. [...] ela tem um plano pro... um plano certo, vamos dizer assim, pra vida dela. Que seria continuar, continuar a sustentar a família (Antônio).

Desse modo, ele reconhece nessa outra jovem uma disposição que cultiva em si mesmo – o planejamento contra o espontaneísmo: o que os jovens desejam, o que sabem, o que precisam, mas também o que devem fazer. Ao construir sua definição particular de ciência – “[O que é ciência?] Acho que descoberta. [...] Algo novo [...] pra humanidade. [...] num é uma coisa que vai te trazer status”. Antônio se refere ao saber que construiu sobre as possibilidades e os limites de se portar um diploma de ensino superior no Brasil no contexto atual. Para ele, a ciência e o diploma não podem conferir todas as condições de mobilidade – é preciso que os jovens tenham consciência dessa incapacidade para que possam construir outras estratégias mais eficazes.

O quarto ponto – “o que os jovens devem fazer” – é uma síntese de alguns dos valores difundidos pelas instituições por onde passou: a Igreja, o Exército e o laboratório. Como docente, mobiliza suas

disposições de iniciativa e de liderança (inibidas no contexto do laboratório) – deve prover orientações para a tomada de decisões, bem como orientações sobre a capacidade de manter o foco, com método e disciplina, de organizar e perseguir uma hierarquia de prioridades e de abrir mão de pequenos prazeres pelo bem comum, pela família, sem se envergonhar e sem negar a própria origem social. “[Alguém te ajudou a fazer isso? Na sua própria história?] Não. Eu acho que por falta disso. Acho que realmente foi por falta desse tipo de... por esse tipo de comunicação, que eu me senti na obrigação de fazer isso.”

A passagem pela IC/EM repercute na escolha do curso de graduação (Farmácia), assim como propõe a orientadora, mas um pouco mais distante das perspectivas do laboratório, possibilitando-lhe “*elaborar um projeto, de... acho que até mesmo de liderança*”. É desse modo que Antônio resiste ao projeto institucional, ao mesmo tempo em que busca compatibilizar o capital cultural e social que acumulou, escolhendo uma pós-graduação em Entomologia Médica. Suas perspectivas de carreira envolvem, portanto, diferentes disposições, tanto a passividade no laboratório, o silêncio e o medo de sua inadequação ou falta de hábito, o que ressalta sua competência de contemplação para o desenho científico, quanto a liderança na escola, e suas disposições humanistas.

Assim, fala aos seus alunos,

[...] sobre a ilusão de... do curso superior em si, que não é as... mil maravilhas, que se trata. É não relacionar ao que você gosta apenas com a faculdade, mas sim o que você gosta de fazer, fora dela, fora da escola. O que você preza em sua família e o que você não vai tentar tirar isso. E eu acho que essa abordagem que... faz eles refletirem o que eles realmente

querem. Então, eles... eles veem que, o que eles querem privar e os... o que eles não querem. Então eles pensam muito bem antes de... antes de entrar, antes de escolher um curso, antes de... antes de ingressar no mercado de trabalho, até porque tem muitas pessoas na minha turma, apesar de ter quinze, dezesseis ou dezessete anos, trabalhando. Então, eles já conhecem um pouco desse... desse meio. Então eles... eles tentam, até facilitando o meu trabalho e tentando melhorar a cada dia mais (Antônio).

Solicitado pela entrevistadora a se explicar melhor,

[Você ajuda eles a... verem uma maneira prática? É isso?] Sim. Como... como fosse... Não como fosse depender dos pais. É... quando uma menina tinha entrado, ela tentou o vestibular e ficou com medo e disse que “Ah, não, eu vou fazer faculdade... é... particular porque o meu pai vai pagar e eu vou me formar e eu vou ganhar muito dinheiro com isso”. E a realidade não é essa. Eu falei sobre o ingresso no mercado de trabalho. Seria bem mais fácil quem comesse pelo curso técnico, depois que eles acabassem, ou tentassem um concurso público relacionado à idade deles. Tem até um... um menino de primeiro ano que ele... era repetente durante dois anos que... eu levava os concursos que tinha pra ser feito e ele acabou fazendo um... que foi pra fuzileiro naval e ele tá na expectativa. Já fez a prova, ele tá na expectativa pra ver se passa (Antônio).

Uma vizinha ingressou no programa de IC/EM a partir da divulgação de Antônio: “*agora ela tá fazendo Medicina Veterinária, [não mora mais no bairro, mas] a gente conversa muito pela internet*”. Ele também tem notícias de outras colegas do programa que também se mudaram e

faziam “*Formação de Professores*”, uma destas “*até terminou... acho que Português, Literatura*”.

A irmã de Antônio concluiu o ensino médio e pretendia ingressar em curso técnico da Marinha,

[...] de Estrutura Naval, para fazer reparos em navios, é... em estaleiros. Coisas relacionadas a... navios, barcos, submarinos. [O ingresso no curso se dá por meio de um processo seletivo] como se fosse um concurso público. Os cinco melhores desse curso... vão trabalhar na Marinha, as inscrições têm... um pouco mais de mil pessoas (Antônio).

Tal curso foi o mesmo escolhido por sua namorada, que já passara por muitas faculdades e cursos, sem concluir nenhum. Antônio pretende se casar com ela em três anos.

Por meio da IC/EM, Antônio conheceu e desejou atividades cuja natureza seus pais não puderam conhecer e, tampouco, realizar:

[...] eu sempre conheci trabalho como fosse trabalho braçal e... o meu ingresso na [instituição de pesquisa], eu vi que não é só isso. Você pode trabalhar com a sua mente, com a sua fala e isso eu achei diferente. Eu queria fazer isso também. Eu queria trabalhar dessa maneira, não trabalhar como o meu pai trabalha ou como a minha mãe trabalha, assim, desse jeito (Antônio).

Isso não impede que trabalhe tanto quanto eles.

Com todos os preços dessa ousadia, a maturidade permite que reconheça em seu pai a figura de um herói: *“o que ele sempre fez pela família e a gente acaba é... levando ele como um ídolo, né? Porque mesmo do... o meio de vida, tudo que ele... todo o esforço dele foi... foi válido”*. Suas escolhas e decisões são o entrelaçamento de suas condições de vida, da sua interpretação dessas condições, das relações sociais que construiu, das apostas que faz em melhores e mais seguras possibilidades para a sobrevivência e para a autorrealização e dos modos pelos quais adapta suas disposições ao contexto de ação.

Dessa forma, está focado em um concurso público com remuneração de seis salários-mínimos para o cargo de perito em necropsia na polícia civil – *“pela estabilidade”*. Contundiu o joelho jogando basquete, realizou uma cirurgia e está preocupado com o peso corporal em função das exigências desse concurso público. Continua estudando: *“já tive anatomia na faculdade, então... E tenho os livros, e aí tô estudando [conteúdos da área de] direito, que é a parte que eu tenho mais deficiência, por nunca ter estudado essa parte”*. Seus projetos futuros incluem *“conseguir me sustentar; não preocupar com dívidas; não me preocupar com salário. Não preocupar também com a saúde”*. Pretende compatibilizar a atividade profissional com a permanência no laboratório: *“é por plantão. Aí, tem... trabalha doze horas, um dia não trabalha, trabalho no outro”*.

Setembro, 2008.

Antônio concluiu a graduação em Farmácia em 2009. Formou-se especialista em Ciências do Laboratório Clínico em uma universidade pública (2010-2011). Publicou diversos trabalhos em anais de eventos científicos, o registro mais recente feito em 2010. Em 2011 atuava como responsável técnico por uma rede do ramo farmacêutico (Fonte: Plataforma Lattes, última atualização out./2011. Consultado em fev./2015.)

Disposições consonantes

E3 – A jovem asceta e a crença na escolarização²⁰

Antes do nascimento de Gláucia, sua mãe trazia um projeto: conceber apenas um filho, para *“poder me dedicar exclusivamente a ele”* – o que fez aos 29 anos. Desde então, ocupa-se em prover condições para que a filha possa dedicar-se exclusivamente aos estudos, pois ela própria não completou o ensino fundamental, por não ter tido tempo para estudar, e trabalha como costureira em uma firma: *“Você quer Medicina, você num vai trabalhar, nem que eu trabalhe em dois, três empregos durante a semana, mas você não vai trabalhar. Você quer Medicina, você tem que estudar”*.

A mãe transmitiu à filha a crença incorporada de que o caminho para uma vida melhor é a escolarização e, portanto, as pessoas se distinguem pelos diplomas que possuem e pelo necessário domínio de si para obter os diplomas, contra a preguiça, o relaxamento e a displicência. Assim, ao ingressar na instituição de pesquisa para participar da IC/EM, Gláucia conheceu pessoas muito parecidas consigo mesma, aquelas que levaram a cabo o que está orientada a fazer – *“pessoas que tão com a escolaridade muito elevada, que estudam, que querem ter uma vida melhor, com uma vida mais estruturada, essas coisas”* – e que ocupam lugares diferentes no mercado de trabalho e na hierarquia institucional. Ao final da entrevista, está interessada em saber qual a alocação da pesquisadora em sua instituição de origem: *“o que a senhora é na UFRJ [Universidade Federal do Rio de Janeiro]?”*.

20 Uma versão deste perfil foi publicada anteriormente por Arantes e Peres (2017).

Essa crença se fundamenta em elevada autoestima, o sentimento de que com o investimento rigoroso do tempo, dos afetos, a persistência e o esforço, porque *“tudo é difícil na vida”*, ela é plenamente capaz de superar quaisquer obstáculos: *“coisa que a coleguinha sabe eu não vou saber?”*.

Mas, bastando o mérito individual, é muito difícil para Gláucia, aos seus 18 anos, compreender e aceitar como legítimas quaisquer desistências pelas dificuldades encontradas – *“Meu Deus, como você passa no negócio, acha difícil e sai, né? Não pode”* –, ou por resistência e inadaptação: *“Só porque você fez tudo errado lá, faltava, é... saía na noite, num cumpria horário lá, tu quer que eu desista? [...] foi uma carreira jogada fora”*.

Manter uma disciplina rigorosa em busca de um padrão elevado de desempenho por meio da dedicação exclusiva aos estudos, inclusive aos finais de semana, é o comportamento habitual de Gláucia. Não há dúvidas ou conflitos. A determinação não é abalada por qualquer conquista, como a possibilidade de recusar uma oportunidade de emprego devido à obtenção do diploma de ensino técnico, ou fracasso, como a reprovação no vestibular – *“num tinha tempo pra... estudar, realmente”*; cursava o ensino médio, participava do programa de IC/EM, frequentava um pré-vestibular e, nos finais de semana, fazia o curso técnico.

Sobre o pai, 48 anos, que também a encoraja a persistir, revela apenas que não concluiu o ensino médio e está desempregado. Espera, há mais de dois anos, retornar para o emprego na gráfica onde trabalhou por nove anos: *“estão comprando máquinas novas, essas coisas. Então se torna difícil agora de chamar. Aí, tava esperando vim máquinas*

novas”. A mãe também espera que o pai consiga o emprego novamente, para que possam escapar da violência da Maré, mudando-se para

[...] o outro lado de Bonsucesso, que é uma coisa mais tranquila. Você não tá com aquele [...] vendo bandido passando na tua frente, armado, essas coisas. Ou senão vai pra Irajá, que é ali [...]. Não tem entrada pro morro, mais distante [...] não tem bandidagem, tráfico, essas coisas (Gláucia).

Gláucia nasceu na Maré, como seus pais. Sabe pouco sobre os avós paternos. Da família materna sabe que o avô, e possivelmente a avó, já falecida, migraram do Nordeste. Este avô mora no estado do Rio de Janeiro, assim como suas filhas – uma em Caxias, uma em Bangu e outra reside na casa da mãe de Gláucia, no Morro do Tinguá. A família nuclear é católica, sua mãe vai à igreja todos os domingos. O pai “*diz que é católico, mas frequentar a missa aos domingos, assim, eu não vejo muito, não*”.

Nenhum parente é portador de diploma de ensino superior, mas o projeto de mobilidade social por meio da escolarização é bastante difundido na família extensa. A geração de primos da qual Gláucia faz parte, principalmente os filhos de suas oito tias maternas, tem projetos semelhantes, alguns no ensino técnico, outros na graduação tecnológica ou no ensino superior regular: uma prima fez Formação de Professores, é explicadora e visa cursar Letras; um primo é “*rebelde, num faz nada, num tem iniciativa*”, mas pretende cursar Informática; o irmão deste está na Marinha, em formação para fuzileiro naval, mas se fracassar pretende cursar Educação Física; uma prima iniciou a faculdade de Nutrição na rede particular, mas trancou – “*acho que foi por causa de condições financeiras [...] marido dela tinha ficado desempregado*” – e abriu uma loja de roupas, pretende retomar e

concluir a graduação; outra prima trabalha no Ministério da Saúde; uma prima, ainda no ensino médio, quer cursar Psicologia; e, outra, deseja fazer curso técnico em Estética. Dentre os filhos dos cinco tios paternos, lembra-se do primo que a ajuda em seus estudos das ciências humanas e sociais, que *“chegou a fazer na [faculdade particular] um ano de Engenharia de Produção, aí, fez o Enem [Exame Nacional do Ensino Médio] [...] conseguiu 100% de bolsa [...] pra Geografia”*, e de uma prima que visa fazer curso superior tecnológico em Radiologia.

Em casa, ou com os colegas e amigos, Gláucia vivencia uma sociabilidade bastante homogênea no que diz respeito às trajetórias, aos percursos formativos e aos projetos futuros. Assim como na família ampliada, a maioria dos amigos e dos colegas trabalha e/ou cursa, ou pretende cursar, ensino tecnológico e/ou superior regular. Dois amigos ingressaram na rede federal – nos cursos de Engenharia Química e Engenharia Mecânica – e um na rede privada – no curso de Medicina. Nenhuma amiga se casou ou teve filhos.

Ao descrever sua trajetória de escolarização, cada estabelecimento é classificado por sua capacidade de preparar para a etapa posterior, valorizando o próprio percurso – “escola boa”, “escola ótima”, “cursinho melhor”. O ensino fundamental foi cursado em uma escola municipal, em Bonsucesso:

[...] uma escola boa [...] porque tem muitas hoje em dia que, por serem municipais, não dão base pra quando o aluno entra no ensino médio, né? Entra sem saber muita coisa. Lá, era muito boa, me dava base (Gláucia).

O ensino médio foi cursado em uma escola estadual no Méier, “uma escola ótima. Tinha até pré-vestibular lá também” que ela não cursou,

inscrevendo-se em um curso preparatório próximo à sua residência. Foi difícil conseguir essa vaga, que dependeu da mobilização dela mesma e de sua mãe:

[...] no primeiro dia de aula, que, aí, eu consegui, porque... se inscreve pela internet... Aí, falou que eu não fui pra escola nenhuma. Minha mãe foi, correu atrás pra saber por que não tinha ido, aí, liguei prum número que tinha lá em casa e, aí, a mulher falou pra eu ir lá. [...] Fui lá e logo consegui a vaga. Aí, no outro dia eu comecei... (Gláucia).

Gláucia gosta de estudar e sempre estudou muito, é disciplinada e rigorosa, disposta a abrir mão de outras atividades e do próprio lazer para dedicar-se aos estudos – contra o hedonismo, a disposição ascética. No ensino fundamental, precisou superar as dificuldades de aprendizagem, pois “*via as cores trocadas*”, mas estava certa de que conseguiria:

[...] coisa que a coleguinha sabe eu não vou saber? Aí, tanto é que, na escola, a professora falava até assim pra minha mãe: “Ah, ela tem dificuldade, ela tira nota melhor que os outros, porque os outros acham que sabem, eles não tão nem aí, e ela, já que ela acha que ela num sabe, ela estuda” (Gláucia).

Desse modo, é através dos estudos que Gláucia se mostra capaz de agir contra as injúrias do meio. Essa hipercorreção escolar favorecerá o interesse no campo da ciência e tecnologia (C&T), transmutada em escolhas profissionais e de carreira, como se verá adiante.

No ensino médio, Gláucia precisou lidar com os novos métodos dos professores: *“eles num queriam saber, não. Era matéria assim que jogavam no pré-vestibular”*.

Focada em seus estudos, o bom desempenho é uma meta constante em sua trajetória:

[...] sempre tentei manter um padrão. Sempre tirando notas boas. [Por que você fazia isso?] Estudar pra tirar nota boa? Ah, porque se eu chegasse mais pra frente na vida, eu conseguiria passar todos os obstáculos, porque [...] a vida não é fácil, né? (Gláucia).

O acesso ao programa de IC/EM foi por meio da ONG CEASM, a partir da divulgação de amigas visando à concorrência em cursos técnicos. *“Ah, vamos tentar fazer o preparatório, então vamos com a gente.”* Mas Gláucia não foi aprovada: *“Não passei na Faetec, eu num sei quantos décimos lá. E no [outra instituição que oferta cursos técnicos] também, por décimos”*.

Se o cursinho não habilita para a aprovação em processos seletivos, então Gláucia muda de instituição: *“Num passei. Aí, saí de lá”*.

Ainda assim, a ONG entrou em contato para que participasse da seleção da IC/EM *“aqui na [instituição de pesquisa]... Eu só vi a classificação, num vi a pontuação”*. Das três amigas que chegaram juntas, foram selecionadas Gláucia e uma colega. A terceira foi responsável pela própria reprovação: *“ela num sabia o que queria ainda, então... ela se contradisse na entrevista”*.

Gláucia foi alocada segundo as informações que prestou no processo seletivo: *“num queria ficar em laboratório, mexendo com bichinho, que eu num gosto. É... mexeria, mas num gosto muito. Eu gostaria mais de ficar em contato com as pessoas”*.

Quando chegou à instituição de pesquisa,

[...] só olhei e pensei assim: “Pô, é aqui mesmo”. Eu posso ficar no qual vai me transmitir muito conhecimento. Só tive um impacto de olhar e falar assim: “Pô, pessoas que amam trabalhar, são pessoas que estudaram mesmo, pessoas que sabem as coisas”. [...] Então, meu único impacto foi assim: “São pessoas que tão com a escolaridade muito elevada, que estudam, que querem ter uma vida melhor, com uma vida mais estruturada...”; essas coisas (Gláucia).

Gláucia reconheceu na instituição pessoas parecidas consigo mesma, muito dispostas a se dedicarem à cultura escolar legítima.

Sobre o pesquisador-coordenador da IC/EM no laboratório: *“vi ele umas duas vezes [...] a vida dele é muito corrida [...]. Eu num tinha contato com ele. Ele era muito tumultuado”*. De modo contrário, com a pesquisadora-orientadora, construiu *“uma relação muito boa mesmo, era assim, parecia que nos conhecíamos há muito tempo. Ficou uma amizade muito grande”*.

Além da orientadora, também estabeleceu boa relação com uma estudante de graduação em Medicina, oriunda de uma faculdade particular que realizou pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) no laboratório. Amizade ordenada pelos projetos de estudo de ambas.

[A amiga] *Tava terminando a faculdade. Também ficou uma amizade entre eu e ela... Porque ela até falou, do que eu precisar... “de ajuda pra vestibular, material, pode me ligar que eu... eu tendo, eu dou pra você”... tudo isso. Foi muito bom mesmo* (Gláucia).

Ao longo dos dois anos que permaneceu no laboratório, conheceu um pouco da vida da orientadora, que mora na zona oeste e falava à Gláucia sobre a prática médica, como havia sido o curso pré-vestibular e seu exame vestibular: *“o pai dela incentivava muito ela”*.

Sobre os trotes da universidade, a orientadora admoestava sobre a importância de estudar muito para um bom desempenho acadêmico, *“e a família dela sempre apoiou ela...”*.

A pesquisadora também se interessava por suas escolhas profissionais:

[...] *ela perguntou o que eu queria ser. Eu falei: “Quero ser médica”. Eu só num quero ser ginecologista [...] quero fazer ou cirurgia ou endocrinologia. Agora, ginecologia, não. Porque ela é... obstetra também. Aí, ela contava dos partos que ela fazia, essas coisas todas. Bem interessante! Sendo que eu num quero* (Gláucia).

Além das experiências compartilhadas pela pesquisadora, a vivência da pesquisa na IC/EM contribuiu para essa decisão.

O esforço da pesquisadora em estabelecer um ambiente de familiaridade no laboratório foi a tônica da primeira etapa da IC/EM, ao longo da qual introduziu a estudante na temática de sua pesquisa, focada

em mulheres de 29 a 59 anos: “as doenças que vinham, as lesões que traziam, tudo isso”.

Na segunda etapa, as bolsistas realizaram pesquisa de campo com a orientadora, em território vulnerável, onde o posto de saúde não realizava o exame preventivo em mulheres atendidas:

Aí, lá nós já fazíamos o preventivo nas mulheres. [...] Íamos pras ruas procurar mulheres que estavam mais de um ano excluídas do processo de rastreio da lista de [doença investigada] [...]. Saímos de porta em porta [...] dois meses fazendo isso. [...] quando elas [as pesquisadas] eram incluídas, porque era assim, era o preventivo e um novo exame, que o trabalho dela era uma comparação da adesão das mulheres ao preventivo e a um novo exame que a gente tava proporcionando para elas [...] que só tem em rede privada [...] um exame caro [...] (Gláucia).

A pesquisa também solicitava dados socioeconômicos: “aí, tinha um sorteio aleatório, porque, pra dar certo, a gente num podia interferir”. Os resultados dos exames eram entregues nas residências ou deixados no posto de saúde caso as participantes não fossem encontradas. O resultado da pesquisa

[...] foi surpreendente porque é uma comunidade carente, sendo que só uma mulher tinha [a doença pesquisada], o resto não tiveram, só tiveram aquela... é... como se diz? Tipo uma infecçõzinha [...] dava uma pomada e até nós mesmo que dava a pomada [...] e só teve uma que teve e que foi encaminhada pro [instituição de saúde], sendo que ali ela

falou: “Ah, é muito longe!”. Num apareceu lá. Num quis mais saber (Gláucia).

O prazo da pesquisa era exíguo e o campo perigoso:

[...] às vezes nós num íamos porque tava dando tiro lá. Aí, a gente num ia. Num ia se arriscar. Às vezes tava lá e eu ouvi um tiro, assim, ficava assustada. Minha coordenadora chegou até a pegar tiroteio lá. Foi até num dia que eu num fui (Gláucia).

Dessa forma, a pesquisa de campo foi feita rapidamente, o que impressionou a coordenadora da IC/EM: “*Nossa! Vocês fizeram isso muito rápido*”. Quando presenciou o tiroteio na comunidade, a pesquisadora orientadora “*ficou desesperada*”, descobrira a gravidez realizando a pesquisa, e a violência da Maré instaurou um conflito familiar: “*Aí, ela falou: ‘Eu num posso sair da pesquisa’. Aí, o marido dela falava: ‘Sai dessa pesquisa, você num vai matar meu filho, não’ [risos]*”. Ela, o bebê e Gláucia correram riscos na pesquisa de campo, mediante a violência que assola o território vulnerabilizado.

Para Gláucia, o tempo da IC/EM foi um período de afirmação. “*Foi uma trajetória muito legal, me acrescentou muito*”, pois teve a oportunidade de entrar em contato com portadores de diplomas.

[...] pude vivenciar história de pessoas que realmente querem estudar e crescer na vida... e eu que tava estudando ali pra depois prestar uma faculdade e crescer na vida. Então o [programa de IC/EM] só trazia, assim, mais certeza do que eu queria e de que, se eu quisesse, realmente eu poderia crescer na vida (Gláucia).

Desse modo, no contexto da IC/EM são afirmadas suas disposições ascéticas para a escolarização, por meio da disciplina dos estudos, do planejamento da carreira e da ampliação de informações sobre as escolhas profissionais tornadas mais diversas, de modo a abarcar suas outras inclinações. Assim, suas práticas sociais são valorizadas nesse contexto.

Ao concluir o ensino médio, Gláucia prestou vestibular para a UFRJ, mas não foi aprovada. Avalia que não pôde estudar muito:

[...] estudava na escola de manhã e à tarde ia pro pré [pré-vestibular], e sábado e domingo eu fazia técnico de Enfermagem [...] num tinha tempo pra... Estudar, realmente, só pro vestibular. Ainda fazia o [programa de IC/EM] (Gláucia).

Concluída a etapa final do programa, desligou-se da instituição de pesquisa e mudou de pré-vestibular, pois o antigo não preparava para o curso de Medicina. Seus dias são dedicados aos estudos:

[...] eu acordo cedo, aí, de manhã eu estudo, aí, quando dá, assim, meio-dia, eu tomo um banho, almoço, aí, vou pro pré. Aí, fico lá até seis horas, aí, quando chego em casa estudo mais um pouco, aí, depois vou dormir [...] final de semana também. Estudo até certo horário (Gláucia).

Está empolgada com o novo projeto do cursinho “*pra ter aula aos sábados o dia inteiro*”, ao longo de dois meses, com foco na seleção da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro): “*prova da UERJ tem muito macetinho, muitas coisas*”.

Também concluiu o curso técnico, que favoreceu a confirmação da escolha profissional: *“Tem tanta gente que quer entrar, depois desiste de uma faculdade que é muito concorrida, muito difícil pra passar. Aí, eu queria ver realmente se eu ia querer isso. Aí, fiz o técnico. Aí, vi que era isso mesmo”*.

Este seria então o único propósito do curso técnico, pois Gláucia não tem planos de exercer a enfermagem e a mãe não permite que trabalhe, para que não se acomode: *“Ah, legal! Num ganho um salário tão ruim’... Então vai se acomodando, e trabalhar e estudar pra Medicina não dá. [...] Só vai trabalhar quando já tiver uma faculdade [...] em estágio, essas coisas”*.

Gláucia pretende cursar Medicina e ingressar na Marinha, como a mãe, tios, tias, pai e avô a incentivam. O avô materno serviu à Marinha e, aos 74 anos, trabalha como alfaiate. Sobre a carreira na Marinha, Gláucia enfatiza a estabilidade e a importância do diploma: *“Você já vai entrar como alguma coisa, depois você vai crescendo de acordo com o que você vai fazer lá dentro”*.

Apenas um tio, fuzileiro naval aposentado, procura demover a sobrinha do propósito: *“como você quer ir pra isso. Isso é muito ruim!”*. Mas ela considera a opinião desqualificada: *“foi uma carreira jogada fora. Tanto é que ele num faz nada”*. Este tio foi aposentado da Marinha com pouco mais de 30 anos por não conseguir se adaptar à rígida disciplina: *“ele faltava, e era preso [...] vivia preso, porque faltava, chegava atrasado”*.

Porém, era muito competente:

[...] já tinha muito diploma lá dentro, muita coisa lá. Melhor atirador, melhor digitador... melhor... [...] e aí, por ele faltar muito, essas coisas todas, agora não, agora dá expulsão, antigamente, não. [...] aposentaram ele como expulsão, porque ele era submerso, viajava, às vezes tinha que comer comida em lata. [...] era sofrer muito. [...] ficar de plantão, vigiando tudo [...]. Ele fala: “Ah, escolhe outra coisa. Vá pra outro canto” [...]. Eu falo: “Só porque você fez tudo errado lá, faltava, é... saía na noite, num cumpria horário lá, tu quer que eu desista?” (Gláucia).

Gláucia está no primeiro namoro, há quatro meses, com um amigo da família que também reside na Maré. O namorado, de 26 anos, trabalha “*na parte de computação*” na Receita Federal e estuda para um concurso desta instituição; visa ao cargo de assistente técnico administrativo. Foi aprovado no seletivo exame da Faetec (para onde concorriam praticamente todos os estudantes da Maré que ingressaram no programa de IC/EM) para o curso técnico de Informática, mas, acostumado a um conhecimento intuitivo e não sistematizado, não chegou a concluir:

[...] num namorava ele, não. Falei: “Meu Deus, como você passa no negócio, acha difícil e sai né? Num pode”. Aí ele: “Ah, porque chega lá, na hora é... muito diferente de uma coisa.... Porque na prática, tudo na prática é mais fácil. Você ficar só na teoria, você chega a achar aquilo enjoado, aquilo difícil, mas quando você vai pra prática, você vê que é tudo muito fácil”. Mas como ele tem a prática, a teoria ele achou muito difícil, entendeu? Que... ele falou que logo na primeira aula, numa aula de... pra você tocar no botão, o cálculo que dá. Ele falou que é um cálculo enorme, já foi ficando desesperado;

Aguentou uma semana... uma semana e meia, porque ele saía do trabalho e ia pra lá. Aí, depois desistiu (Gláucia).

Mas o namorado ainda pretende cursar Informática no ensino superior, por determinação de Gláucia:

Aí, eu falei: “Não, vai ter que voltar”. [...] No meio do ano ele vai fazer a prova de novo, pra voltar. [Por que você falou pra ele que ele tem que voltar?] Não, ele vai é... desistir só porque é difícil? Ele tem que enfrentar, porque, se não, ele num vai se formar em nada se ele num enfrentar as dificuldades, porque tudo é difícil na vida (Gláucia).

Gláucia considera que, em uma relação organizada e bem-definida, homens e mulheres têm responsabilidades iguais em todos os seus projetos e planejamentos: “*Eu acho, em comum acordo. Meio a meio pra cada um [...]. Você faz isso, isso e arruma a casa, o seu dia, e eu faço isso, isso e isso*”.

O casal deve dividir os gastos e não vê problemas em ser a mulher provedora, conquanto não seja para sustentar um “preguiçoso”:

[...] num arruma emprego e eu vou ter que bancar. Todo homem fica com aquele negócio. “Pô, eu tô desempregado.” Aí, vai dando um estresse no homem, né? Eu não ligo, não. Desde que eu veja, assim, que não é preguiça, entendeu? (Gláucia).

Os projetos futuros são formar-se médica e ingressar na Marinha. Planos para um possível casamento devem ocorrer somente quando a faculdade estiver sendo concluída:

[...] no começo da faculdade, você tá dedicado àquilo, né? [...] Você construindo uma família no meio disso tudo, fica meio complicado. E já tando no final, porque aí vai ser quando eu vou tá em residência, já vou tá trabalhando, essas coisas todas, entendeu? [...] Minha mãe até falou pra ele: “Se você for quem vai casar com ela... só daqui uns dez anos” (Gláucia).

Após a IC/EM, Gláucia não frequenta mais o laboratório. Não tem tempo nem para visitar o bebê da orientadora, que viu apenas por foto, mas planejava ir ao primeiro aniversário: “*ela falou: ‘Tu vai pra festa de um ano, né?’*”. Não gosta de sair: “*sempre fui muito caseira*”. Mas, como no momento não tem nenhum curso nos finais de semana, passeia com o namorado e, às vezes, os dois saem com sua mãe: “*vamos pra casa de minha tia em Caxias*”. As práticas associadas ao lazer são ir ao cinema e frequentar o shopping, mas não gosta de ouvir música e nem de passear em parques.

Maio, 2009.

Gláucia graduou-se em Enfermagem e Obstetrícia em uma universidade pública (2010-2014), defendendo monografia de final de curso focada na mesma temática da IC/EM. Desde 2012, cursa a Licenciatura em Enfermagem na mesma instituição. Na graduação, foi bolsista em projeto de extensão e participou de eventos científicos com publicação de trabalhos em anais de eventos científicos. Atualmente, cursa especialização em Enfermagem nessa mesma universidade (Fonte: Plataforma Lattes, última atualização dez. 2014. Consultado em fev. 2015.) De acordo com o perfil público em uma rede social, ela continuou com o mesmo namorado e está sempre estudando.

Disposições dissonantes

E4 – A jovem excluída e o fracasso da sedução escolar

Melissa não tem paciência para a escola, não tem paciência para acatar as ordens de sua supervisora de estágio, não quer ter filhos, pois não tem paciência com crianças, não tem paciência para as perguntas da entrevista: “*Eu já falei, né; Esqueci. Porque, sei lá*”.

Aos 18 anos, está magoada pela vivência de um “*problema muito sério. Daí, eu me esqueci de tudo*”. Sua irmã, 9 anos, foi vítima de violência sexual pelo padrasto, expulso de casa pela mãe de Melissa e denunciado à Justiça. Ocupada com a fragilidade da irmã – que apresenta déficit cognitivo, dificuldades de aprendizagem e que foi diagnosticada histérica pelo médico devido às crises de desmaio que sempre terminam no hospital – ocupada em apoiar a mãe fragilizada na separação e no processo judicial contra o padrasto. Após concluir o ensino médio, esqueceu-se da inscrição no Programa Universidade Para Todos (Prouni), desligou-se do laboratório da instituição de pesquisa onde participou da IC/EM, abandonou o estágio do ensino profissionalizante, estuda sozinha em casa para prestar vestibular.

Deseja tornar-se aeromoça, pelo que viu da profissão na televisão e da fala de uma amiga que “*já fez o curso*”. Porém, não consegue agir para concretizar este sonho, imobilizada pela violência da qual a família foi vítima. Sua relação com o pai é frustrada, e sua mãe tem poucos recursos afetivos e emocionais para compartilhar, desdenha dos seus projetos e a considera egoísta: “*acha que eu sou muito idealista; aquele tipo de pessoa que só pensa em si*”.

Em meio à desestruturada organização familiar – “*Minha mãe deixa eu, eu caminhar, sozinha*” –, parece não tomar consciência, tampouco lidar com os efeitos estagnados de suas escolhas. Ainda assim, provavelmente de forma não consciente, sonha com um futuro calcado em uma profissão de rotinas rígidas e hierarquia organizada, por meio da qual poderia “voar para bem longe”.

O perfil de Melissa é perfeitamente homogêneo quanto à nivelção descendente advinda das propriedades negativas do capital social e da manutenção do fraco capital escolar familiar. Isolada no circuito familiar, seu desinvestimento emocional limita uma posição ativa em oportunidades de incorporação de propriedades culturais heterogêneas. Ela não acredita que a escola e a cultura científica possam servir de alguma forma para ajudá-la a suportar a existência.

A mãe de Melissa teve três filhos de pais diferentes. Além de sua irmã, há o irmão de 12 anos. Residem em uma casa de dois andares. No andar de baixo moram Melissa e sua avó de 74 anos, que cursou o ensino fundamental (incompleto) e trabalhava como empregada doméstica (o avô materno já faleceu). No andar superior moram o padrasto, a mãe e a irmã (o irmão não tem lugar na descrição). A mãe, com 41 anos, concluiu o ensino médio. Técnica em enfermagem, ela trabalha em uma clínica localizada em um bairro da zona oeste. A relação de Melissa com o pai biológico é conflituosa. Assim, considera um tio como pai e não gosta de falar sobre o pai biológico: “*num sei nada dele. Nem ele sabe nada de mim*”.

Por um período, Melissa procurou contato com o pai e os avós paternos, que moram perto de sua casa: “*eu ia muito lá. Aí, passou, distanciou de novo. Que ele [o pai] é muito grosso, assim. Sabe? Num*

sabe... Eu acho que ele até gosta de mim, mas ele num sabe... transpor isso, passar isso”.

No ensino fundamental, classifica-se como uma aluna “*média*” e, no ensino médio, apesar de não estudar, estava “*entre as melhores*”, em função de um comportamento contraditório compartilhado com o grupo de sete amigas: “*ao mesmo tempo que a gente fazia bagunça, pintava e bordava, conversando, fofocando, a gente estudava, pres-tava atenção*”. Após a conclusão do ensino médio, perdeu o contato com a maioria dessas amigas, que estão trabalhando e estudando. Sabe que uma colega com quem estudou por alguns anos no ensino fundamental cursa Geografia, possivelmente na UFRJ.

Melissa matriculou-se aos 11 anos no CEASM para um curso de Dança Afro. Embora não fosse estudiosa, “*sempre ia pra biblioteca*”. Soube da inscrição para o curso preparatório para o ensino médio ofertado pela ONG e se inscreveu. Tomou conhecimento da abertura da inscrição para o programa de IC/EM por meio de “*um papelzinho pequenininho, só*”, realizou sua inscrição e foi contatada por um telefonema para a entrevista: “*vim cheia de medo. Meus colegas também. Até minha mãe [...] falou pra fazer*”.

O período da IC/EM “*foi bem legal; conheci novas pessoas, tive outros conhecimentos da vida*”. Ela “*conhecia*” o orientador, mas “*ficava mais com a coorientadora*”, que realizava pesquisa de mestrado.

Ao longo da primeira etapa da IC/EM, “*só teoria [...] aprendemos [...] essas coisas básicas*”. Na segunda etapa, atuou em pesquisa de campo por meio de entrevistas e de realização de exame preventivo em mulheres de uma comunidade localizada em território vulnerável:

[...] nós pedimos permissão das pacientes, se elas deixassem que [a] gente colhia; nós aprendemos a colher com... de espátula, tudo direitinho. [...] E ela também dava um novo método que era a própria mulher que colhia. Aí, que é um tubinho, uma escovinha... [As mulheres faziam?] Faziam (Melissa).

Porém, Melissa não domina a metodologia da pesquisa e a descrição que faz é um relato recortado, ainda mais comprometido pelos trechos inaudíveis da transcrição:

Assim, elas eram divididas em dois grupos. Um grupo era pra ir até o postinho de saúde que tem lá. Que ali, era a [coorientadora] que colhia, igual a gente. O outro grupo era as próprias mulheres que colhia. Aí, era o quê? Como a gente entrevistava os meninos, aí, ela ligava... pra mãe dela, num sei, aí, ela checava no computador, aí, o computador que respondia se [inaudível] que o 1 era no posto e o 2 era que é o que [inaudível]. Assim, independentemente do [inaudível], foi bem legal (Melissa).

Ela não concluiu o projeto da segunda etapa da IC/EM.

A escola e a pesquisa científica não seduziram Melissa – suas tendências hedonistas dificultaram a transposição ou a aquisição de disposições valorizadas no contexto da escola e da IC/EM, e, também, no contexto de estágio como auxiliar administrativa. Seria necessário que acreditasse na legitimidade dos bens culturais difundidos por essas instituições para que lhes atribuísse importância.

Ao contrário, não demonstra nenhum encantamento ou interesse pelas teorias científicas, descritas como “*coisas básicas*” e tampouco

atribui significado para a metodologia da pesquisa, seu problema, seus processos ou seus resultados. Alguns momentos da entrevista, que revelam seu desdém (o inglês não é importante e o bom desempenho escolar não depende de estudos), permitem arrazoar uma hipótese de resistência à cultura difundida por essas experiências socializadoras. Contudo, Melissa sequer parece refletir sobre elas em meio às imensas dificuldades para assegurar as condições de existência, a integridade física das mulheres da família e a recomposição emocional mediante a violência vivida.

No último ano do ensino médio, além de participar desta segunda etapa da IC/EM, frequentou um curso profissionalizante em Administração no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) – *“dois dias que a gente ia pra empresa e no dia a gente ia pro curso”* –, do qual recebia R\$117,00. Parte desse dinheiro pagava a metade não coberta pela empresa do valor das passagens. Ficou apenas seis meses e abandonou: *“eu queria um emprego mesmo, fixo, efetivo, que ganhasse muito mais bem do que eu ganhava lá. Que daria pra me ajudar mais a minha mãe”*.

Estava insatisfeita com a remuneração, insatisfeita com as práticas pedagógicas do estágio e confusa com as suas atribuições. Não gostava do ambiente de trabalho, da supervisora que *“era muito chata”* e tampouco das tarefas que era designada a fazer:

[...] eu tinha que aprender umas coisas de administradora, ela ficava mandando eu fazer outras coisas que num tinha nada a ver. [...] mandava eu ir lá pra cozinha, eu tinha que ficar na parte da diretoria, dos chefões, aí, ela ficava mandando eu fazer as coisas, eu num sabia, num fazia. Aí, depois eu me cansei e saí. [Você tinha que fazer o quê?] Eu tava lá,

na parte administrativa, porque eu ficava no faturamento. Então eu tinha que preencher planilha [...] ah, outras coisas. Quando o chefe não estava lá, ela mandava eu fazer isso. [...] Coisas que não eram para eu fazer [...]. Como eu era de aprendiz, eu não podia fazer nada além do que eu deveria. Eu num podia sair fora do horário, senão escalava outra, muita burocracia (Melissa).

Desempregada, envia seu currículo para “*algumas empresas*” com o propósito de trabalhar na área administrativa, “*porque eu fiz o curso*”.

Mas o seu desejo é trabalhar como aeromoça: “*Nunca conheci ninguém aeromoça, mas eu tenho isso na minha mente, que eu quero ser aeromoça [...]. Acho elas elegante*”. A mãe a apoia na ideia de se tornar aeromoça: “*o que eu... assim, achar melhor pra mim, ela vai me dar força. Se for do lado errado, aí... ela vai... impedir*”.

O que sabe sobre a profissão aprendeu com uma amiga que fez o curso – “*ela vai me falando as coisas*” – e pela televisão. É necessário: fazer um curso com duração de cinco meses, ser aprovada no exame da Agência Nacional de Aviação (Anac), “*ficar esperando um tempo, mais ou menos de um ano, pra ganhar o seu registro*”, e, então, fazer uma prova de sobrevivência. A profissão lhe permitiria

[...] viajar... (entre aspas, né?)... servir às pessoas. [...] Cuidar bem. Como uma amiga tava falando [...], a aeromoça é feita pra salvar vidas, então, se acontecer alguma coisa com o avião, elas que vão salvar a vida das pessoas [...]. Por isso tem que aprender a nadar, tem que... um montão de coisa. [Você sabe nadar, não?] Ainda não (Melissa).

Pretende aprender a nadar na Vila Olímpica, mas somente no ano seguinte (a entrevista foi realizada em maio).

Melissa fez a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), alcançou boa pontuação, esqueceu-se da inscrição no Prouni, mas não se arrepende: *“Quando eu vi, já tinha passado. Eu: ‘Caramba!’ Mas só que, mesmo assim, eu quero fazer, prestar vestibular pra faculdade pública mesmo”*. Vai se preparar para concorrer a uma vaga na UFRJ estudando sozinha: *“Porque eu num tenho paciência mais pra ficar indo pra escola [...] Eu cansei da escola”*.

Escolheu o curso de Letras, habilitação em Português e, se houver na faculdade, Japonês:

Porque é uma língua diferente. Todo mundo faz só Inglês, Inglês, Inglês. Eu vou fazer Japonês. Como eu quero ser a-romoça, então eu vou fazer um curso de Inglês. Aí, tendo na faculdade Japonês, já são duas línguas. Já posso já viajar pro exterior (Melissa).

Tornar-se *“uma mulher independente, morar sozinha”* e sem filhos – *“num vou ter tempo de criar”* – são seus projetos. Mas não tem certeza. Quer se casar e pode até ter filhos: *“mas eu quero ter só com 35 anos”*.

Ela gosta de sair, vai muito à casa de sua tia materna, diverte-se com os primos e vai ao shopping com seus amigos.

Maio, 2009.

Melissa não manteve currículo na Plataforma Lattes.

Disposições dissonantes

E5 – O jovem soldado e a distinção na instituição total

Refugiado da Segunda Guerra Mundial, um bisavô de Adriano veio com os pais para o Brasil. A transcrição da entrevista não permite outra localização dessas personagens em sua árvore genealógica, mas sua narrativa versa sobre os efeitos do imaginário da guerra e da figura do militar em sua trajetória biográfica, como morador de favela. Aos 19 anos, autodeclara-se pardo, é soldado, fuzileiro naval concursado, tem projetos para ascensão na carreira e nutre profunda admiração pelos militares. Considera que quase a totalidade das pessoas tem percepção similar dos elementos que os distinguem:

[...] exemplo da nação; a questão da postura, da... do respeito por todo mundo, da educação. Eu sempre tive esse gosto; se uma mãe fala pra amiga dela “Poxa, meu filho é milita”, [...] elas já olham com outros olhos o filho dela; ainda mais hoje em dia, com essa marginalidade, ela já vê. “Poxa, o filho dela já num é... marginal.” Por mais que ele more na favela [...]. O filho dela num é marginal. É militar (Adriano).

O perfil de Adriano evidencia que a escolarização apenas bordeja sua história de vida – em quase nada influi sobre os projetos profissionais herdados do seu meio familiar. Trata-se da função instrumental da escola na busca de estratégias rentáveis de distinção na instituição desejada, atreladas ao insubstituível sabor do desafio, da aventura, do prestígio social e da honra. Suas disposições para os modos práticos de aprendizagem limitam seu interesse pelos modos escolares-pedagógicos.

Se ele faz parecer que seus interesses são mais diversificados, é apenas para afirmar que nenhuma posição ou carreira poderia suplantiar a fantástica atividade do fuzileiro naval. Quando criança sonhou tornar-se piloto de caça e desejava realizar experiências com ratos em laboratório de pesquisa. Ao final do ensino fundamental, desejava cursar ensino técnico em Patologia Clínica, foi aprovado em prestigiosa instituição para cursar Química, mas não se matriculou e sequer prestou exames para outras instituições por ter considerado provas anteriores muito fáceis e não se sentir desafiado. Deseja graduar-se em Direito, mas poderia ser Medicina ou Educação Física. O que realmente tem feito é prestar concursos para o serviço militar. Concorreu para oficial do Exército e, claro, da Marinha.

Os avós paternos residem na zona rural, na Baixada Fluminense:

Num vou dizer assim, um sítio. Pode... pode se dizer um sítio, entendeu? É uma casa... porque lá era um... Eles iam criar um sindicato dos médicos lá. Mas, aí, pararam as obras. Como o meu avô trabalhou nessa obra, aí, deixaram ele lá pra... tipo, como se fosse um caseiro (Adriano).

Com o passar dos anos, acredita que por usucapião a terra pertença aos avós. A família paterna pode ser localizada da seguinte forma: os avós tiveram seis filhos, um dos quais ainda reside com eles, assim como sua esposa e filhos; uma filha constituiu família e estabeleceu residência próxima; as demais residem em Cascadura e Madureira. Uma filha, falecida recentemente, residia em Copacabana. O pai de Adriano trabalhava como plantador de tomates, casou-se e, com a esposa, residiu na casa da família paterna por alguns anos. Tiveram dois filhos. Quando Adriano completou 6 anos, o pai morreu de pneumonia. A mãe, pensionista, permaneceu por alguns anos na casa dos

sogros e, por ocasião de oportunidade de emprego, retornou com os filhos para junto de sua família de origem na Maré, atendendo ao desejo familiar.

Assim, Adriano, sua mãe e sua irmã passaram a morar no segundo andar da residência da avó materna, que veio de Minas Gerais, e, desde então, mora no mesmo local com um filho de 43 anos que cursou ensino superior (incompleto, curso não especificado). A mãe de Adriano nasceu no Rio de Janeiro (RJ), frequentou a escola, é alfabetizada, trabalhava como empregada doméstica e recebia um salário-mínimo. A irmã concluiu o ensino médio, trabalha como vendedora em uma loja de móveis, está casada, mora na Baixada Fluminense e ainda não tem filhos. Todos são católicos.

Adriano descreve todos os avós como idosos que gozam de autonomia para definir seu estilo de vida. A avó materna nunca trabalhou, vai sozinha à igreja, mais raramente acompanha, a convite, uma filha evangélica:

De vez em quando ela vai na missa da Igreja Católica, de vez em quando ela vai no culto da Igreja Evangélica [...] pra ela é um Deus só [...] tanto faz ela ir na Batista, na Metodista, na Assembleia... Pra ela num importa (Adriano).

A avó paterna caminha todos os dias, é feliz em sua rotina e em seu ambiente, não gosta da cidade e de apartamentos, embora as filhas desejassem que residisse no meio urbano:

[...] lá ela fica tranquila, ela faz as coisas dela normal, ninguém ajuda ela. Quer dizer, é uma senhora de idade. [...] Aí, ela faz as coisas dela lá e depois fica sentada no canto dela, vendo

televisão, olhando a paisagem, assim, pensando, assim, na morte da bezerra, como é que fala lá [...]. Fico brincando com ela (Adriano).

O avô, apesar da diabetes, é saudável e também querido na cidade:

Ele num é de beber. Sai, bebe a Coca dele. Ele é diabético também. Bebe a Coca dele, compra os doces dele. Aí, sai catando erva, aquele negócio do pessoal que mora na roça, né? [...] Meu avô tem uns 70 e poucos anos, né? Mas você dá 50 pra ele, que ele anda, corre... e brinca com todo mundo (Adriano).

As famílias mantêm boas relações. A irmã de seu pai, falecida recentemente, que residia com o marido em Copacabana, reunia a família “*todo final de ano, todo mundo ia pra lá*”. Tradição de festas que contrasta com o cotidiano: “*por questão de trabalho, questão de tempo [...] a gente se encontra mais é na casa da minha avó, final de ano. Aquela coisa de Natal, de Réveillon*”.

Outra tradição familiar é o investimento na escolarização da geração de Adriano, nenhum primo foi obrigado a trabalhar, todos são incentivados a estudar – “*minhas primas mais novas, 12, 13 anos... tudo fazendo curso, Inglês, curso de Informática e estudando*” –, apenas um primo não deseja estudar. Entre os primos mais velhos, recorda-se do contabilista; da prima que trabalha e está concluindo a faculdade de Direito; do comerciante que “*teve problemas de saúde. Teve que sair do trabalho dele. Aí, abriu uma papelaria*”; da dona de casa; do primo que apenas trabalha e nunca quis estudar; do marinheiro; e do sargento-fuzileiro. Assim, a mãe de Adriano instituiu uma norma para a organização doméstica: “*Eu trabalho, você estuda*”. Ele nunca

realizou nenhuma atividade além dos estudos, sequer o serviço doméstico: “*eu sempre só estudei. Só estudei. Sempre foi assim*”.

Mas nunca gostou de estudar. Em contrapartida, sempre foi disciplinado nas aulas, sentava-se na frente da classe, próximo ao professor, focando sua atenção, e fazia as tarefas:

Chegava em casa, fazia o trabalho e pronto. Deixava o trabalho ali. Prova? Prova eu nunca cheguei em casa e estudei. Nunca. [...] prestava atenção nas aulas. [...] num tinha necessidade de estudar. Você prestava atenção e tirava todas as dúvidas ali com os professores. Chegava hora assim, questão de cinco minutos antes da prova, a gente olhava rapidinho (Adriano).

Com esse comportamento obteve bom desempenho escolar – superior em matemática, física e química, suas matérias prediletas; suficiente em português, matéria da qual “*nunca gostei*”. Também frequentou o curso preparatório para o ensino técnico oferecido pela ONG CEASM.

O bom desempenho não repercutiu apenas sobre as avaliações endógenas à escola, mas, principalmente, sobre a consecução de disputada vaga para o ensino técnico federal no ensino médio – “*Química, eu passei, mas desisti*” – por duas razões. A primeira refere-se à unidade de alocação e à possibilidade incerta de transferência para a unidade mais próxima, “*muito mais disputada que a de lá*”. A segunda, por não desejar realmente esse curso, mas outro, para o qual não foi selecionado – “*Patologia Clínica*” –, que conheceu por meio

[...] de pesquisa mesmo, entendeu? Que aí, mexe com aquela coisa de laboratório... eu sempre tive aquele... todo mundo quando criança sempre teve [...] um pouco de curiosidade [...] aquela coisa de experiência de rato [...] um dia eu vou entrar no laboratório [...] (Adriano).

Não prestou exames para outras instituições e desdenha de suas provas. Nessa época, classifica-se como um aluno estudioso merecedor de desafios maiores: *“Nunca gostei dessa coisa muito fácil [...] como eu tava estudando legal, aí, a gente pegava umas provas antigas [...] eu achava a prova muito fácil. Falava assim: ‘Ah, num vou fazer’”*. Tendo inventado uma justificativa para si, escolheu cursar o ensino médio regular em escola estadual.

Foi indicado pela ONG CEASM para o processo seletivo do programa de IC/EM, selecionado entre *“uns quatrocentos, quinhentos alunos... indicaram ali acho que dez. De dez a vinte alunos, só”*, inclusive por suas boas notas, mas não estava interessado: *“vim por vim mesmo [...] até porque num sabia nada de [programa de IC/EM], [...] num é muito divulgado”*.

Realizou todas as etapas do processo seletivo – *“de vinte pessoas, chamaram acho que cinco, só”* – e nutria boa expectativa: *“tá bom... vou trabalhar no laboratório... Aquela coisa toda. Mas aí, nada”*. Foi alocado junto a um grupo de pesquisa qualitativa na área de ciências humanas: *“Eu cá ali foi assim, entendeu? Meio de paraquedas mermo”*. Achou o estudo das grandes teorias chato e a linguagem inadequada para adolescentes:

[...] pedagogia, aquele negócio de ficar estudando. E nisso achei chato. Estudar Karl Marx, Paulo Freire... é chato. É uma...

uma realidade meio pesada, né? Ainda mais pra minha idade [...] 16 anos, na realidade é uma linguagem pesada pro adolescente (Adriano).

Apesar da frustração, não abandonou o programa e apoiou-se em uma colega da IC/EM que fazia boa parte dos seus trabalhos. Ele justifica essa atitude afirmando que não se tratava de displicência, mas da sua dificuldade de compreensão; sentia-se confuso e perdido por não compartilhar da linguagem dos pesquisadores e da facilidade que a colega tinha:

[...] fui indo. Fui levando. Fui empurrando com a barriga; Ligava pra ela: “Pô, [nome da colega], eu tenho que fazer esse trabalho pra amanhã, que num sei o quê”, “Não, tá bom. Pode deixar. Eu faço”. Aí, chegava na hora, o trabalho lá, tava tudo pronto, entendeu? Eu sei que ela vai fazer pra mim. Num vou coisar, não. Eu procurava entender, mas eu num... conseguia. Por mais que eu tinha todos os... as apostilas, todos os livros que ela dava pra gente, mas eu ficava meio assim: “Pô, que que eles tão falando?”. Aí, perguntava: “E aí, [Adriano]? E isso aí?”, “Anrram, anrram”. Entendeu? Porque eu num entendia nada (Adriano).

Ele responsabiliza a orientadora por suas dificuldades e seu desinteresse – o pouco tempo dedicado por ela, sua incapacidade para traduzir os conhecimentos e o tratamento diferenciado entre os estudantes dos graus acadêmicos:

Ela falava linguagem normal do... dos pós-graduandos, dos mestrandos e tal. E esse pessoal já tava entendido, que a maioria era tudo ali professor. Num tinha é... como eu

posso dizer? O mesmo peso que eles que... no caso de um doutorando... se o projeto dele num for bem, num for bem avaliado por uma banca, ele vai ser reprovado. Vai perder o doutorado dele... mestrado, pós-graduação. A gente já, não, entendeu? (Adriano).

Essa situação foi remediada pela designação de uma coorientadora estudante de pós-graduação que trabalhou diretamente com os bolsistas por cerca de quatro meses: *“aí, que eu comecei a... a entender mais as coisas”*. Porém, *“ela teve que sair de licença porque operou o joelho... aí, com isso daí... como o estudo foi avançando, eu fui ficando no meio do caminho também”*.

Adriano e a colega concluíram as etapas da IC/EM em rompimento com a orientadora e articulados para se defender do que consideraram exigências intransigentes. Dessa forma, ele não mantém contato com ninguém do laboratório além desta colega:

[...] a minha orientadora, a gente, eu e a minha amiga, quando a gente saiu, a gente saiu meio brigado com ela; quando foi chegando pro final do curso, assim [na segunda etapa], ela queria cobrar muito além daquilo que ela deu. [...] a gente falou entre si que a gente num ia fazer [...]. Aí, concluímos o nosso curso e saímos (Adriano).

Por outro lado, a relação com a coordenadora pedagógica do programa de IC/EM perdura: *“Chamava ela de mãe emprestada [...] tenho o e-mail dela, de vez em quando mando e-mail pra ela, entendeu? Falo como é que tá as coisas e tal. Coisa... mais de mãe pra filho mesmo”*. A colega, oriunda de outra escola, que *“sempre foi baladeira [...] os*

pais não acreditavam nela”, foi aprovada simultaneamente nos vestibulares da UERJ e UFRJ para o curso de Pedagogia.

Ao longo da IC/EM, apenas por um breve momento sentiu-se desafiado e, portanto, interessado na atividade: *“fiquei meio... meio desesperado, como que eu faria”*. Era necessário escrever um projeto para ingressar na segunda etapa: *“foi assim, questão de... segundos, entendeu? De um dia pro outro que a gente fez um projeto. Eu e ela. Aí, fizemos o projeto e tal. Aí, eu fui começando a pegar o gosto da coisa”*. Ele também participou de uma viagem para apresentação de trabalho em evento científico.

Poderíamos pensar que seu ingresso na área de ciências biológicas e a realização do sonho de infância de trabalhar em um laboratório mudaria esse estado de coisas.

[...] o pessoal falava: “Pô, a gente fez experiência com rato, que não sei o quê”. Depois teve que matar o rato. Pô? Pra que matar o rato? Entendeu? O bichinho tava lá, na dele, sem fazer nada. Pra que matar o rato? Aí, eu falei: “Não, tá bom...”. Se eu caio aí... acho que foi bom mesmo, apesar... [...] de ser difícil de compreender (Adriano).

Embora não estivesse interessado na atividade científica, considerasse que não conseguira aprender e tampouco se dedicasse, faz boa descrição do cenário da pesquisa:

Eu acho que ainda lembro um pouquinho. É... as universidades corporativas são basicamente o quê? Criadas por empresas. Entendeu? Como tem também, como tem a “Universidade do Hambúrguer”, que é do McDonald’s. Basicamente, o

exemplo que a gente mais usava era esse a “Universidade do Hambúrguer”. Aí, o que que o McDonald’s fazia? Formava, abria um curso, como se fosse uma faculdade mesmo, entendeu? Fazia o curso, se formava em... especialista de fazer hambúrguer. Mas, sendo que aquele... aí, o pessoal ficava lá: “Poxa, num sei o quê? Oh, tenho faculdade, num sei o quê?”. Aquela coisa toda. Mas, se ele saísse dali, do McDonald’s e fosse pro Bob’s, aquele currículo dele num ia valer nada, entendeu? É como se a empresa estivesse explorando mais ainda o seu trabalhador, que acontecia muito. Ou então, o que acontecia muito, principalmente com a [instituição de ensino superior]. Ela vendia o seu nome. Pra quê? Pro currículo ser válido. A empresa fornecia o... o curso na sua área, com seus próprios professores, mas na hora de emitir o certificado, não era a empresa que emitia, entendeu? Era as universidades propriamente acadêmicas mesmo. E aí, o que acontecia? Esse currículo valia, normal, entendeu? E o MEC [Ministério da Educação] sabia disso, mas por que ele não intervia? Porque basicamente eram multinacionais grandes, então se ele fosse intervir, essas empresas iam tirar o dinheiro do Brasil. Então o Brasil ia tá perdendo. Então é aquela coisa lá: num tô vendo... num sei de nada... que nem o nosso presidente diz, né? Num sei de nada. É basicamente isso mesmo (Adriano).

Essa fala de Adriano em relação à sua percepção política – “num tô vendo... num sei de nada... que nem o nosso presidente diz, né? Num sei de nada” – dá algumas pistas sobre a força de sua socialização na instituição total, agência de produção de subjetividade (Benelli, 2004).

Adriano avalia positivamente a experiência da IC/EM. Avalia que, para um adolescente, a participação confere responsabilidade, desde a experiência de abertura da conta bancária até a relação não infantilizada com o orientador, que *“já te trata como um adulto, não como uma criança”*. Ao falar sobre sua experiência na área específica, relata que, por meio dos estudos das teorias, *“aumentava muito o senso crítico”*, e que a capacidade de generalização *“ajudou também, muito... muito lá fora, não só aqui. Foi mais isso. Essa questão de responsabilidade, senso crítico, amizade que você leva pra sempre e tal”*. Sobre a questão curricular, relata que *“aquela coisa de currículo e tal [...], aprender um pouco das outras áreas também [...]. Você é mais mesmo, digamos, entre aspas, o currículo, né? [...] Até futuramente pros filhos [...] pode auxiliar: ‘Não isso daqui, faz isso, isso daqui...’, entendeu?”*. Portanto, assegurando a tradição familiar.

Após a conclusão do ensino médio e o término da IC/EM, ainda considerou duas possibilidades para a carreira profissional e o critério para dirimir a dúvida foi a menor demanda de estudos: *“ser fuzileiro ou piloto de caça? Porque piloto de caça, até propriamente de pilotar um caça é questão de dez anos. Porque você estuda muito e tal. Fuzileiro naval, não. Quatro meses é o nosso curso de formação”*. Aprovado em concurso público – *“A prova é fácil, num é difícil não, entendeu? E como eu já tava naquele ritmo já de estudo ainda, então... tranquilo”* –, sentiu-se realizado: *“Sempre tive o sonho de ser militar”*. Estava muito claro que não cursaria nenhuma graduação imediatamente:

O primeiro período eu vou ter que trancar e tal. Eu falei assim: “Não. Eu vou pra lá depois que eu me estabilizar e tal. Fazer prova pra oficial, passar, aí eu faça minha faculdade”, que... eu faço [graduação em] Direito (Adriano).

Assim, após se tornar oficial, compatibilizará carreira militar e ensino superior. Cogitou cursar Medicina, avaliou as diferentes especialidades, concluiu que poderia sentir-se mal na atividade concreta e, também, são necessários muitos anos de estudo. Considera o curso de Educação Física como possível segunda graduação. O desejo de ser advogado se relaciona a “[conhecer] os seus direitos. Você pode cobrar, entendeu? Não só conhecer também os seus direitos como também você saber os seus deveres”. Por meio dessa atividade poderia ajudar as pessoas, abrindo um consultório filantrópico de advocacia: “Não ganho dinheiro como advogado, entendeu? Mas ajudar as pessoas necessitadas”.

Precavendo-se contra um eventual fracasso, continua prestando concursos públicos, assim como alguns colegas:

[...] a carreira de fuzileiro [...] como a gente fala, é muita “faxina” [...] então, o que pessoal faz? O pessoal estuda pra sair fora. [...] até porque tem coisa melhor, num vou dizer que lá é bom e tal, nem ruim. Tudo tem os seus prós e tem seus contras, entendeu? (Adriano).

Um colega já foi aprovado para o corpo de bombeiros, “*semana passada eu fiz prova pro oficial do Exército, essa semana eu vou fazer prova pra oficial do... da Marinha. Mas o meu sonho mesmo é ser oficial da Marinha*”, e, então, poderá vivenciar os rituais de consagração: “*tem a viagem de ouro, que dá uma viagem, dá uma volta ao mundo. Aquela coisa toda*”.

A socialização intensa na Marinha reforçou a profunda identificação com a instituição militar. Adriano conhece a hierarquia institucional e os passos a tomar para a construção da carreira e progressão interna.

Ressalta as qualidades superiores da corporação e a identificação do “nós”:

[...] a nossa habilitação é maior, porque o Exército, eles só manuseiam basicamente dois armamentos, só. Que são o fuzil deles e a pistola, só. A gente manuseia mais fuzis, porque como a gente é tropa de elite da nossa Marinha, então a gente... e somos também especialistas em armamentos e tal... e... outra coisa que também, que a gente... a única tropa que atua tanto em terra quanto na água quanto no ar. A única tropa do Brasil que atua nisso. Essas outras tropas, não. Ou ela atua só em água, são os marinheiros, ou só em terra, que nem o Exército, ou só no ar, que seria a FAB [Força Aérea Brasileira], fora os paraquedistas do Exército. A gente é a única tropa que faz isso. Então a gente ganha um adicional, o nosso adicional militar, a gente ganha mais por isso e o nosso adicional habilitação, que a gente manuseia muito mais armamentos do que eles (Adriano).

Concluiu o curso de Formação de Fuzileiros e recebe dois salários-mínimos e adicionais. Sua mãe está orgulhosa: “*Toda mãe sente orgulho de seu filho*”.

Ele não tem amigos no bairro. “*Sempre fui muito caseiro, nunca fui muito de ficar na rua.*” Antes do serviço militar, saía nas noites de sexta-feira. “[...] *por volta de dez, onze e meia, eu tava voltando já. Aí, sábado de manhã, eu acordava, jogava futebol. [...] Voltava. Aí, ficava com meus amigos, com minhas amigas conversando.*” Às vezes o grupo ia à praia e realizava pequenas excursões, “*tipo como se fosse acampamento*”.

Agora, as atividades de lazer são ainda mais comprometidas pelo cansaço: *“Final de semana? Nem sei mais o que que é isso direito”*. Ao retornar para sua residência usa pouco a internet, prefere dormir. Já teve seis namoradas, *“tive uma sortezinha aí”*. Nos finais de semana em que pode, frequenta a casa da namorada atual, que trabalha em uma pizzeria e estuda: *“sempre prezei muito esse negócio de estudo. Apesar d’eu não gostar de estudar”*.

A maior parte dos amigos trabalha, uma parte estuda e a menor parte trabalha e estuda. Os amigos próximos ainda não se casaram nem tiveram filhos: *“Porque todo mundo primeiro quer... fazer sua faculdade, estabilizar financeiramente pra depois ter seu filho. Casar, aquela coisa toda”*.

Apesar de residir próximo ao batalhão da polícia, deseja, futuramente, mudar-se da Maré para Benfica: *“é uma área calma... é... pensei em uma área calma e segura”*. Seus planos futuros são tornar-se oficial da Marinha, adquirir bens como carro e casa própria, constituir família e ter dois filhos, *“um menino e uma menina”*.

Outubro, 2008.

Adriano não atualiza informações na Plataforma Lattes desde o ano 2006. Segundo seu perfil público em uma rede social, tornou-se cabo no Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha, concluiu um curso de especialização em Infantaria em 2013. Casou-se, teve dois filhos, um menino e uma menina, e, em agosto de 2014, ingressou em uma faculdade particular, onde cursa Administração.

Disposições dissonantes

E6 – A jovem médica veterinária e as disposições para crer e agir

Filha mais velha, à época da entrevista Vitória estava prestes a concluir a graduação em Medicina Veterinária em uma faculdade particular. A irmã de 18 anos cursava a série final do ensino médio, e a de 16 anos o primeiro ano da mesma etapa. Para as três, a trajetória de escolarização implica uma decisão mediante as severas concepções morais e educacionais do pai, hipertenso, “*um pouco nervoso*”, muito autoritário e pouco afetuoso. Enfrentamento para o qual contam com a ternura e a fé da mãe, que não frequentou a escola, mas é alfabetizada, uma “*mulher de oração*”.

O pai deseja que as filhas cooperem para o orçamento doméstico, trabalhando em uma ocupação que, objetivamente, configura exposição sistemática a agente insalubre e periculosidade. Ele vê a atividade com bem-remunerada, enquanto as filhas a tipificam como masculina:

[...] ele vive me mandando fazer curso de solda, tá ganhando bem. Quer que a minha irmã do meio faz. Minha irmã [inaudível] só tem homem lá. Ela num fala na frente dele que, senão, ele vai... achar ruim com ela, né? Mas ele... vive falando pra gente fazer curso de solda (Vitória).

As filhas resistem às normas paternas e burlam algumas de suas determinações. Assim como a irmã não diz ao pai o que pensa sobre a qualificação profissional para evitar uma punição, Vitória dissimula a atividade de estudos no período noturno utilizando uma luminária

presenteada por um amigo da universidade, “*pra mim botar perto do computador, pra mim poder estudar, porque*”, devido à determinação do pai, “*eu num posso ligar a luz. [...] coisa da roça, sete horas ele quer todo mundo dormindo*”.

Na visão paterna, a atividade de estudos na qual Vitória se excede é estéril, pois não contribui para a manutenção da casa e pode ser causa de adoecimento. Portanto, ela deveria trabalhar:

Às vezes, ele, “Ah, num vai estudar, num sei o quê. Já tá na hora de dormir. Vai ficar maluca. Estudando até. Acorda mais cedo, cinco horas, estuda. Vai ficar maluca. Guarda isso pra lá. Vai trabalhar, ganhar mais dinheiro, que num sei o quê... Pô, você num ajuda a pagar às vezes um telefone, uma luz...” Então eu falei: “Pai, eu tiro xerox todo dia” (Vitória).

Dessa forma, para amenizar o impacto financeiro do percurso da graduação, ela reinveste a bolsa Pibic e mobiliza outras estratégias: “*Levo almoço todo dia, eu nem me importo. Eu levo mesmo, esquento, como lá, entendeu? E por aí vai*”.

Vitória lida com a incompreensão paterna por meio de atitudes cristãs de amor filial e de perdão, bem como a promessa de um futuro diferente. O pai desconhece as práticas de estudos associadas às trajetórias no ensino superior: “*ele num entende muito bem o meu estudo*”. É o único provedor para as quatro mulheres da casa e não percebe retorno financeiro da atividade da filha, que poderia amenizar as dificuldades da família: “*Eu tô sempre perto dele. ‘Pai, eu te amo’, entendeu? ‘Eu vou ajudar o senhor’*”.

Mas ela confessa que ilude o pai, pois em seu horizonte está a constituição de sua própria família, projeto futuro não muito compatível com as promessas de auxílio que lhe faz:

“Pode deixar, quando eu tiver trabalhando eu vou ajudar sim, com certeza”, entendeu? E eu fico pensando: “E aí, se eu casar? Caramba! Ele vai me dar uma pescoçada!” [risos], “Na hora que era pra tu me ajudar, tu casou, e agora tu vai ter seus filhos... Não, mas eu quero que tu continue me ajudando” (Vitória).

Esses comportamentos de Vitória são reforçados pelo sentimento de que, no espaço público, o pai age de forma distinta: *“ele fala de mim pros colegas no serviço. ‘Poxa, minha filha faz faculdade.’ Ele fica orgulhoso. Eu sei disso, eu sinto isso, né? Mas ele num dá o braço a torcer. Às vezes, ele num confessa”. E tal sentimento é oriundo de algumas atitudes do pai na intimidade do lar: “‘Pai, vou no congresso tal’, ‘Vou viajar’ [...] Ele fica todo assim, sabe? Feliz. Assim, ele num fala, assim, mas ele demonstra, por exemplo: ‘Poxa, tá, eu vou te ajudar a ir, você quer ir, que eu te ajudo e tal’. Às vezes, assim, sem ele poder”.*

Os conflitos instalados em torno do binômio escolarização-trabalho repercutem sobre as escolhas profissionais das irmãs. Aquela que está concluindo o ensino médio não teve bom desempenho no Enem e pretende trabalhar:

[...] quer ganhar o dinheiro dela, aquela coisa de adolescente [risos], meio desesperada, né? De jovem desesperado [...], eu converso com ela [...] dá pra ver que ela num quer uma responsabilidade de ter uma faculdade agora (Vitória).

A irmã mais nova cogitou cursar Medicina Veterinária, como Vitória, mas desistiu, depreciando o modelo: “*‘Eu, hein, ficar igual a você, igual uma maluca? Estudando? Eu não’. Pensa em fazer Artes, está matriculada em um curso de desenho, o que gosta e faz muito bem*”.

A mãe ajuda a Vitória como pode: “*Sempre fui uma menina ajuizada*”. Quando se demora na faculdade, é a mãe quem assegura ao pai que está estudando. Além disso, por meio de suas orações, incentiva, fortalece a autoestima e lhe dá a segurança de que é acompanhada por um poder supremo na superação dos desafios cotidianos:

[...] mulher de oração, né? Ela é maravilhosa. Ela sempre me apoia, entendeu? Às vezes, eu tô, às vezes, quero ficar deprimida: “Mãe, eu tenho uma prova difícil amanhã, porque num deu tempo de estudar direito, que num sei que lá...”, “Minha filha, Deus vai na sua frente. Deus é contigo. Tá? Sempre...”. Nunca tem palavras assim pra baixo, sabe? Ela tá sempre me animando. Sempre me animando (Vitória).

Os pais têm a mesma idade, 52 anos. O pai cursou ensino fundamental (incompleto), trabalha como montador de andaimes para uma empresa. A mãe, dona de casa, anteriormente empregada doméstica, não estudou, mas sabe ler e escrever. Todos da família são evangélicos. Vitória frequenta a Igreja Pentecostal Deus é Amor “*desde neném*”. A mãe experimentou outras denominações:

[...] ela começou na Igreja Universal, se converteu na Igreja Universal, aí, depois foi pra Batista. O meu pai ficou muito tempo na Batista. Até hoje ele gosta, assim. De vez em quando ele frequenta. E aí, depois minha mãe ficou fixo, assim, na Deus é Amor, até hoje (Vitória).

Há cerca de vinte anos a mãe “*abre culto, prega...*”, mas não ambiciona posição na hierarquia institucional: “*Tem que ter muita disponibilidade*”.

Vitória narra com suavidade a história de seus pais – que migraram de cidades localizadas em Minas Gerais na divisa com o estado do Rio de Janeiro – e de seu nascimento. O pai,

[...] trabalhou na roça, desde pequeno, com os pais. Aí, veio tentar a vida melhor, aqui no Rio. Aí, ele viajava pra vários lugares, Petrópolis... ficava lá e cá, assim. Já tinha alguns familiares aqui, no Rio. [...] ficava na casa de um, na casa de outro, até definir um emprego, né? [...] começou a trabalhar com estruturas tubulares, na parte de andaimes, essas coisas. Até hoje ele trabalha nisso. E ele veio com mais ou menos, acho que uns... bem novo. Uns 16 anos, se não me engano, assim... E a minha mãe veio trabalhar em casa de família, né? Até então eles não se conheciam. Eles se conheceram [...] na cidade onde a família do meu pai mora, na Festa de Sant'Anna, né? Um baile lá. E depois disso aí, a minha mãe ficou muito tempo sem ver o meu pai porque ele viajava muito, nesse negócio de plataforma, andaime, essas coisas. Ele sempre viajou muito. Agora que ele deu uma parada. Aí, eles se comunicavam por carta e tudo mais. Eu sei que a minha mãe conheceu ele com uns 18, 19 anos. Foi casar com 27, né? A minha vó diz pra ela, né? “É... O mundo dá muitas voltas.” [...]. Casaram em Minas. [...] Vieram morar no Rio. Aí, a minha mãe ficou grávida de mim, uns dois anos depois, assim, e foi me ter em Minas. Por isso que eu nasci lá. [...] Mas eu sou só mineira de quinze dias, só [risos]. [...] vim pro Rio

de novo, na casa onde eles já tinham comprado pra morar, em Manguinhos (Vitória).

Mas, quando Vitória contava cerca de 5 anos, a casa construída em área de risco foi demolida e a família “*ganhou casa, aqui, na Maré*”, onde nasceram suas irmãs. Apesar da mudança de bairro, os pais a mantiveram matriculada no estabelecimento escolar em Manguinhos até a conclusão do ensino fundamental: “*Não quis sair de lá... amizades, os professores, tudo*”. Ao contrário da maior parte dos entrevistados, Vitória vivenciou intensa socialização com as crianças nos bairros em que residiu: “*Brincava muito na rua quando era pequena; e a adolescência foi tranquila, assim, brincava muito na rua [risos], igreja... minha vida sempre foi assim, casa, igreja, escola, entendeu? Passeio*”. Essa socialização foi fundamental para o fortalecimento de suas disposições coletivas.

Nessa época, na companhia dos colegas da escola e por indicação de uma vizinha, embora não compreendesse no que consistiam os cursos técnicos e as especificidades das instituições ofertantes, matriculou-se em curso preparatório do CEASM:

Ah, tem uma ONG aí no Morro do Timbal que oferece... tem curso de Informática, de línguas e tal, e tem curso preparatório pra gente poder fazer prova pra Faetec, pro Cefet [Centro Federal de Educação Tecnológica]. Até então eu num entendia nada. “Que é isso? Cefet, Faetec, eu num sei que é isso.” (Vitória).

Assim, foi por intermédio dessa ONG que ela conheceu a IC/EM, por meio da divulgação realizada pela equipe do programa, que não despertou o interesse da maior parte dos estudantes, mas atraiu

Vitória, por seu gosto pela biologia e por seu interesse pelos ganhos associados à iniciação científica:

[...] palestra, assim, falou um pouco sobre o que era o programa, né? Passou um vídeo pra gente, pra entender. Como era o programa? O que era o programa? Né? O incentivo que trazia pros alunos e... eu me interessei. “Pô, deve ser legal, interessante, né, tá participando.” (Vitória).

Mas conciliar as atividades de estudos em diferentes bairros com poucos recursos financeiros e materiais foi um desafio:

Eu estudava à tarde, então fazia o preparatório de manhã, aí, às vezes eu saía antes do horário do preparatório, eu acho que eu saía umas onze e meia, descia o morro correndo, descia correndo mesmo... a ponto de cair mesmo. [...] “Tô atrasada...” [...] Pra me arrumar, pra ainda pegar o ônibus pra poder vir pra cá, pra Manguinhos, né? E a minha mãe ficava, “Vitória, que maluquice é essa? Vai ficar dessa finura...”, que eu sempre fui magrinha. [...] “Num tá se alimentando direito...”, porque era uma correria (Vitória).

A pressa era atenuada pelas brincadeiras com os colegas, os jogos de vôlei e o futebol: “sempre gostei muito de bola. Sabe, eu, minha prima, uns colegas, até umas seis horas, na escola jogando”. O tempo dedicado ao lazer é interpretado como impeditivo para o bom desempenho nas seleções para os cursos técnicos:

Eu lembro de uma amiguinha minha, [...] ela: ‘Não, eu vou pra casa estudar’. Falei: ‘Deixa de ser boba. Vamos ficar aqui só um pouquinho, depois a gente vai estudar’, [...] ‘Não, eu vou

pra casa estudar'. Tanto é que ela passou pra Faetec [risos]. Ela passou [e, à época da entrevista, cursava Matemática na UERJ] (Vitória).

Dessa forma, Vitória compreende que lhe faltou consciência sobre a disciplina necessária para os estudos: *“eu acho que foi tudo uma questão de maturidade”*.

Também não possuía informações capazes de subsidiar a escolha profissional: *“num tinha... uma área certa assim pra escolher, entendeu? Mas, aí, tentei Administração pra Faetec, num consegui”*.

Essas ausências eram compensadas por seu desempenho escolar e crença religiosa: *“Eu tava garantindo assim... a minha adolescência. No final da 8ª série eu contava, eu escrevia no muro lá de casa ‘Cefet, eu vou passar’”*. Também participou da seleção para cursar o ensino médio na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) e não foi aprovada: *“Acho que acabei desistindo”*. Possivelmente, a disposição para crer – no caso, a força mágico-religiosa da determinação discursiva de sua aprovação –, inibiu a disposição para agir, por meio da prática regular dos estudos.

Embora Vitória fosse uma jovem sociável com os colegas, afeiçoada aos professores da educação básica, acostumada a atuar em pequenos grupos na igreja e participativa em equipes de jogos estudantis, sentiu dificuldades quando ingressou na IC/EM e foi exposta a fatores desconhecidos. Dentre estes fatores, destacou a convivência regular com uma nova figura, detentora de outras distinções acadêmicas, o pesquisador-orientador – *“O cara já fez mestrado, doutorado. Eu nem entendia o que era isso direito”* –, e com uma nova modalidade de relação ensino-aprendizagem, diversa da que conhecera com os

professores da escola regular: *“é um ambiente totalmente, assim, diferente do que é na sala de aula, né? Apenas o professor ali dando aula, você fazendo prova”*.

Mediante as dificuldades de adaptação às demandas do novo contexto, desde o processo seletivo Vitória adotou um comportamento estereotipado de vergonha e isolamento em relação às figuras masculinas de autoridade, possivelmente associado à rigidez paterna – *“fiz uma entrevista no laboratório, morrendo de vergonha, super tímida”* –, e, ao longo dos primeiros anos de permanência no laboratório, *“eu ficava super tímida. Eu num falava com quase ninguém”*. A timidez configurava uma barreira a ser vencida, pois o sentimento era evocado pelo medo: *“o meu orientador, eu acho que eu tive medo dele uns... até um ano e pouco, uns seis [meses], assim, tipo, que ele é muito sério”*.

As práticas comunicativas e os valores cultivados no laboratório favoreceram a atualização de suas disposições para agir de forma cooperativa e solidária, inibindo o comportamento de timidez e modificando seus sentimentos em relação à figura do orientador: *“A gente vai quebrando essa barreira; hoje em dia é totalmente diferente. Até a gente acaba se familiarizando, na verdade, ele num era nada daquilo”*.

No laboratório, o orientador realiza um trabalho de inculcação de uma doutrina humanista, cujo fundamento é a dissociação da titulação acadêmica ao saber absoluto. Trata-se da hierarquia do saber:

[...] o meu orientador sempre ensinou pra gente, hierarquia do saber, né? Quem sabe, ensina, quem num sabe, aprende. Eu guardo isso pra mim, sempre vou guardar e o pessoal novo que chega do [programa de IC/EM], eu: “Oi, boa tarde! Qual o seu nome?”, entendeu? “Se quiser ajuda, a gente tá aí pra

isso”, né? Sento, explico o que eu sei, eu ensino, entendeu? O que eu aprendi, a vivência. Isso é importante; todos que passaram pelo laboratório, todos que entram e todos que já entraram ou nunca mais voltaram, né? Por questões assim, pessoais, ou que foram mestrado, doutorado, especialização, em outro estado, né? É... ficasse com isso no coração, de que precisamos uns dos outros, né? E que num... num interessa se... o cara lá, que faz mestrado, doutorado, né?... ele se sinta muito superior a um aluno de graduação que tá começando, agora. Não, ele mostra a importância desse aluno de mestrado ou doutorado ou pós, tá ajudando, auxiliando esses alunos que estão entrando agora. [...] Independente do programa, [IC/EM], Pibic... né? Os alunos que vêm de fora e... e alguns, assim, a gente ainda mantém a comunicação, né? Os alunos que já saíram, é importante gente num perder o contato; eu acho que a gente é... busca... essa... tem essa importância de... da comunicação com os outros, né? É... perder a timidez, na verdade, principalmente os novos que estão entrando, entendeu? Um ensina pro outro o que sabe (Vitória).

A primeira etapa da IC/EM, o período de familiarização, foi organizada pelo orientador de forma dialógica:

[...] conversei com meu professor. A gente estabeleceu... ele estabeleceu pra mim um projeto a desenvolver, né? E a partir daquele momento as primeiras atividades foi... olhar lâmina, identificar o parasito que eu ia estudar, né? E... aprender também a desenvolver relatório, aprender a desenvolver a escrita, a leitura, né? Através, é... da pesquisa, acho que aprendi também a pesquisar bastante é... artigo científico da bibliografia científica, né? (Vitória).

Para a escolha do curso de graduação, havia um interesse de Vitória pela biologia, uma predisposição pela associação da área do conhecimento com a docência: *“sempre gostei da área da ciência, anteriormente eu pensava em fazer Biologia porque eu gosto de dar aula e eu pensava em Biologia porque eu quero dar aula”*.

Mas a opção pela carreira de médica veterinária foi favorecida pela socialização no laboratório, pelos valores comunitários associados à atuação no campo da saúde pública (também cogitou Pediatria e Odontologia) e pela perspectiva de continuidade das atividades de pesquisa. O orientador, assim como outros professores-pesquisadores do laboratório, é médico-veterinário, apenas uma professora-pesquisadora é bióloga. Portanto, a IC/EM permitiu à Vitória a ampliação de suas perspectivas quanto às atividades profissionais na área da biologia, a definição do campo da saúde e a eleição de uma especialidade.

A entrevistadora procura compreender de que forma se articularam, em sua escolha profissional, o gosto pessoal e a influência dos pesquisadores do laboratório:

[Eles chegaram a dizer assim: “Faça Medicina Veterinária?”] Não, num chegaram a falar... “[...] Faça”, entendeu? Eu comecei a fazer coletas na clínica e tal, entendeu? E... pro desenvolvimento do projeto, né? E eu comecei a me interessar. Falei: “Poxa, deve ser interessante, assim, a medicina veterinária, a saúde pública”, eu acho muito bonito, assim, sabe? Estudar zoonose, saúde pública. Eu gosto, também... [Quando você tava no processo de decisão sobre o que fazer, você consultou as pessoas? Conversou com as pessoas?] Ah, conversei... bastante, sobre a área, né? Sobre o mercado, né?

E... assim, eu acho assim, se eu optasse por Veterinária, eu acho que seria só um curso é... acho que assim, produtivo, né? Da minha vida. Mais dinâmico, né? É... e eu acho também foi mais em relação ao projeto, que até hoje eu desenvolvo o mesmo projeto, né? Acho que teve, sim, influência, tanto do pessoal, assim, entendeu, quanto a minha escolha mesmo, assim... “Eu acho que vou fazer Veterinária. Eu acho que vai ser produtivo pra mim”, entendeu? (Vitória).

Além dela, duas colegas da IC/EM, oriundas de outros estabelecimentos escolares, que ingressaram na universidade, também optaram por Ciências Biológicas, e um colega da IC/EM oriundo do CEASM cursa Farmácia.

No período em que Vitória concluiu o ensino médio e aguardava os resultados do vestibular, sentiu-se desorientada:

[...] eu ia ficar deprimida assim, sabe: “Ai, que que eu vou fazer da minha vida agora?”. Eu esperando os resultados das provas e as minhas irmãs já comprando material de escola. Eu comecei a chorar dentro do... da papelaria. Poxa, eu queria tanto um caderno, lápis pra começar a escrever ano que vem também. Aí, eu fiquei toda feliz quando eu passei, né? Falei: “Poxa, agora eu vou comprar meus cadernos” (Vitória).

A aprovação no vestibular de uma universidade da rede privada foi comemorada no laboratório e, por meio do diálogo, o orientador enfatizou sua responsabilidade pessoal e ofereceu suporte para o percurso formativo, enfatizando para ela a existência de solidariedade na universidade:

Ele sentou comigo no mesmo dia que ele soube [...], “agora você tem mais uma responsabilidade, entendeu? E você sabe que dentro da universidade é diferente do colégio. É diferente da escola, né? E... você sabe que você vai encontrar pessoas que te ajudam, que vão querer te ajudar” (Vitória).

No primeiro ano de ingresso na graduação, ela apresentou o projeto para a segunda etapa da IC/EM e passou a receber bolsa Pibic.

A IC/EM favoreceu o percurso da graduação de Vitória, pois agora ela dispunha de competências para o desenvolvimento de trabalhos científicos e de conhecimentos que favoreceram seu desempenho:

[...] quando eu entrei na graduação foi muito... tive muito mais facilidade em algumas matérias, porque eu já sabia. “Ah, poxa! Já vi isso lá no... quando eu tava no [programa de IC/EM].” Quando eu tava lá no meu laboratório, senti muito mais facilidade é... eu tenho, atualmente, eu tenho mais facilidade de redigir um relatório, né? De pesquisar, de fazer uma leitura, né? Por quê? Eu já fui aprendendo isso. Eu acho que teve um diferencial bastante significativo, assim, na minha vida (Vitória).

O diferencial outorgado pela IC/EM é o olhar para a pesquisa:

Eu faço Medicina Veterinária. O pessoal às vezes tem uma visão muito voltada pra clínica, só clínica, clínica... porque eu amo bicho... mas num tem aquela visão voltada pra pesquisa, né? Então, eu acho que por esse lado, eu acho que... há um diferencial sim, né? De você, é... ter aquela facilidade de desenvolver um projeto científico (Vitória).

Já cursando a graduação, à época da entrevista, Vitória descreve-se como membra do laboratório:

A gente ganhou uma expansão, nós, os estagiários. Nós temos, então, as duas salas. A gente ainda tá se mudando, ganhamos um laboratório provisório. Nós temos um laboratório, mas é provisório, e a gente escutou por alto, assim, que nós vamos ganhar um laboratório, pra gente, assim, especialmente (Vitória).

Com relação aos projetos para o prolongamento da trajetória de escolarização, apesar do pai, considera que cada um é responsável por se tornar um bom profissional na área de escolha: *“quem faz a profissão somos nós”*. Não obstante, pretende continuar o projeto desenvolvido ao longo da IC/EM e da graduação por meio da realização de especialização *lato sensu* na mesma instituição de pesquisa onde participou da IC/EM. Pretende, ainda, dar continuidade ao projeto de pesquisa em um futuro mestrado: *“nessa área, ou em Biologia Parasitária. Mas, antes de entrar no mestrado, eu queria fazer a especialização”*.

Após o mestrado, planeja doutorar-se. Mas Vitória não tem o objetivo de *“viver de bolsa”*, pois os pais não compreenderiam: *“‘Tu num vai trabalhar, não?’ Ih, já fala, né?”*.

Para a inserção no mercado de trabalho, está focada em um concurso público:

[...] pretendo fazer concurso público. Assim que eu terminar a faculdade. Fazer vigilância sanitária, né? Pra inspeção de alimentos e... acho que depende em tudo do nosso tempo, né? Da nossa disponibilidade. Mas, enquanto isso eu pretendo

sim continuar aqui no laboratório, né? Até porque a gente é... vai começar a escrever artigo, né? Tentar publicar. Assim, eu num pretendo sumir, sabe; tá sempre me comunicando com eles, mesmo que eu comece a trabalhar numa clínica ou passo num concurso público (Vitória).

Dessa forma, a graduação e a inserção no laboratório de pesquisa despertaram três gostos no campo da medicina veterinária: a pesquisa, a saúde pública e a clínica. Porém, o caminho depende da associação das condições objetivas de existência, das oportunidades e das conquistas:

[...] qual será a oportunidade de trabalho que irá me surgir? Porque eu num tenho grana, dinheiro pra montar uma clínica pra mim. Ou um laboratório de análises clínicas pra mim. Então, é... como eu tô gostando dessa área da saúde pública, penso em fazer concurso público [...] pra poder... fazer consultas (Vitória).

Também pretende atuar como docente e conciliar as atividades. À época da entrevista sentia-se “*embaralhada*” com relação à carreira profissional e concorria a um estágio, a ser realizado no período de férias, no Ministério da Agricultura.

Nos finais de semana, Vitória frequenta a igreja. Gosta de passear e ir ao teatro, mas as opções e a frequência são restritas pelas condições financeiras: “*ultimamente eu num tenho passeado nem nada. Eu tenho só ido à igreja mesmo*”. Os passeios são feitos em família:

[...] o dinheiro, assim [risos], interfere, né? Mas, assim, mas quando eu tenho, eu gosto de... de passear, ir ao teatro. Tem

bastante tempo que eu num vou ao teatro. É... a última vez que eu fui passear foi em Petrópolis, que acho que foi... uns dias antes do meu pai viajar, aí, ele levou a gente pra almoçar e tudo mais. Mas, tem um tempinho, assim (Vitória).

As atividades de lazer também são postas de lado em função da disciplina e do rigor que aplica aos estudos da graduação, “*prova, apresentação de trabalho, desenvolvimento de projeto é uma correria. Então, o tempo que me sobra é um fim de semana, eu vou à igreja*”, e, na igreja, suas disposições para a liderança encontram espaço, mas não concorrem com sua inclinação para os estudos:

Eu tomo conta dos jovens na igreja. A gente faz ensaio. [...] A gente tem várias saídas pra cantar em outras igrejas, né? As congregações... Final de ano que é o mais agitado. A gente tinha até montado um grupo de coreografia, só que ficou meio parado, porque a outra menina que me ajudava saiu e eu sozinha, faculdade... (Vitória).

Os pais se orgulham de suas conquistas:

Minha família não tem estudo, assim... eu, da minha família, tanto da parte da minha mãe como da parte do meu pai, eu sou primeira universitária, acho que isso também é um orgulho, né? Minha família, em Minas, fica, assim, bobo, né? [...] Eles incentivam de lá de longe (Vitória).

Além dela, uma prima em primeiro grau cursa Educação Física e outra iniciou e interrompeu a graduação em Nutrição. Uma prima em segundo grau iniciou e interrompeu a graduação em Administração

e cursava Psicologia. Uma tia dessa prima é graduada em Ciências Contábeis: “*Então, assim, são poucas pessoas*”.

Namorou por três anos um rapaz de sua igreja. Eles se conheceram na escola, em Bonsucesso, mas a relação não foi adiante:

[...] experiência que eu tive, assim, eu num... afobada, apressada pra isso agora, sabe? Eu acho que eu me decepcionei, assim, né? Vamos confessar. Mas, assim, eu quero pensar no ritmo final agora, entendeu? Na faculdade (Vitória).

Sonha em casar e ter filhos, mas assim como sua mãe, que se casou apenas aos 27 anos, não tem pressa, pode ser por volta dos 30 anos: “*Eu tô tranquila*”.

Dessa forma, no campo afetivo, sua passividade desponta: ela deixa a aparição do pretendente a cargo da providência divina. “*Mas, se aparecer um rapaz, se Deus preparasse um rapaz, entendeu, aparecer... Se tiver prontos pra casar, por que não, né?*”

A saída da casa materna e a constituição da família demandará uma nova organização do seu estilo de vida, no qual estão muito bem marcadas as funções femininas e masculinas. Ela não cogita que um futuro marido compartilhe das tarefas domésticas:

Saio do estágio, chego com sete, oito horas, em casa, a comida já tá pronta, né? A roupa já tá lavada [risos]. A mãe faz pra gente. Eu até ontem comentei isso com a minha mãe, falei: “Mãe, como é que vai ser quando eu casar? Eu chegar em casa... [risos] aí, que preguiça, eu vou ter que ir pro fogão [risos]”. Fim de semana, né? Vou ter que lavar aquele roupeiro...

E filho? Eu vou te confessar, eu tenho a maior vontade, amo criança, sabe? [...] E eu pretendo, mas como eu quero continuar, mestrado, doutorado etc., eu até pensei: “Ah, meu Deus, será que eu tô sendo um pouco egoísta quanto a isso?”. Mas eu acho que eu me sinto ainda muito imatura... (Vitória).

Outubro, 2008.

Vitória concluiu a graduação em Medicina Veterinária em 2009, ano em que publicou, em coautoria, artigo científico em periódico indexado. Após a graduação, atuou em clínicas veterinárias e como professora em curso profissionalizante. No período 2011-2012 obteve diploma em curso de idiomas. Em 2013, ingressou na instituição em que realizou a IC/EM para cursar a especialização *lato sensu*, com projeto focado no mesmo tema de pesquisa, retomando as atividades com o orientador. Em 2014, participou de evento científico com publicação de resumo em anais (Fonte: Plataforma Lattes.

Consultado em fev. 2015.)